



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE

NÚCLEO DE GESTÃO

BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

WILSON SANTANA DA SILVA

HEGEMONIAS INGLESA E NORTE-AMERICANA

SOB AS ONDAS LONGAS DE KONDRATIEFF

CARUARU

2019

Modalidade: MONOGRAFIA

WILSON SANTANA DA SILVA

**HEGEMONIAS INGLESA E NORTE-AMERICANA
SOB AS ONDAS LONGAS DE KONDRATIEFF**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Pernambuco -UFPE, Campus Econômico do Agreste, CAA como requisito para a obtenção do título em Ciências Econômicas.

Área de concentração: Hegemonia, Imperialismo, Economia Internacional

Orientador: Prof. Dr. Atenágoras Oliveira Duarte.

CARUARU

2019

Silva, Wilson Santana da.

Hegemonias inglesa e norte-americana sob as ondas longas de Kondratieff /

Wilson Santana da Silva. - Caruaru, 2019.

76p : il., tab.

Orientador(a): Atenágoras Oliveira Duarte

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Ciências Econômicas, 2019.

Inclui referências, anexos. 1.

Hegemonia. 2. Imperialismo. 3. Economia Internacional. I. Duarte, Atenágoras Oliveira. (Orientação). II. Título.

330 CDD (22.ed.)

WILSON SANTANA DA SILVA

**HEGEMONIAS INGLESA E NORTE-AMERICANA SOB
AS ONDAS LONGAS DE KONDRATIEFF**

Trabalho de Conclusão de Curso (**Modalidade:
MONOGRAFIA**) apresentado ao Curso de
Graduação em Ciências Econômicas da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharelado em Economia.

Aprovada em: 13/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Atenágoras Oliveira Duarte (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. André Luiz de Miranda Martins (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Glaudionor Gomes Barbosa (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho para a minha vó materna, Josefa Rosalina Barbosa, que sempre me guiou pela vida por meio de seu vasto conhecimento empírico, à minha mãe Maria Aparecida de Andrade Santana, meu pai: Carlos Arruda da Silva e, aos meus irmãos.

RESUMO

O presente trabalho tenta em linhas gerais, traçar alguns paralelos entre a hegemonia inglesa com a norte-americana. Para tanto, se reporta como fundamento teórico, o que se conveniu chamar de Ondas de Kondratieff¹, o economista russo que foi precursor nos estudos de tais fenômenos da economia capitalista. Para tal intencionalidade usa-se como referência outros autores que o retomaram, como Schumpeter e Giovanni Arrighi. Este último foi o que também elaborou os estudos sobre os Ciclos Sistêmicos de Acumulação, onde períodos de expansão material e expansão financeira se intercalariam e esta fase segunda fase, marcaria o fim de hegemonia do país. Este trabalho se divide em quatro partes, conceitos de imperialismo e hegemonia, hegemonia inglesa e hegemonia norte-americana. Tentar-se-á mostrar que a queda da hegemonia norte-americana deixa espaço para dúvidas, devido até ao seu poder ainda presente na geopolítica, quanto ao ciclo de tal fenômeno ser demasiada apressado.

Palavras-chave: Kondratieff; Hegemonia; Ciclos sistêmicos de acumulação

¹ A escrita Kondratiev também é encontrada.

ABSTRACT

This paper tries to outline some parallels between English and American hegemony. To this end, it is reported as a theoretical foundation, which is called the Kondratieff Waves, the Russian economist who was a forerunner in the study of such phenomena of capitalist economy. For such intentionality it is used as reference other authors that resumed it, as Schumpeter and Giovanni Arrighi. The latter was also what elaborated the studies on the Systemic Accumulation Cycles, where periods of material expansion and financial expansion would intersect and this phase, the second phase, would mark the end of the country's hegemony. This work is divided into imperialism, hegemony - with the broad range of its descriptive meaning - English hegemony and American hegemony. It will be attempted to show that the fall of American hegemony leaves room for doubt, even because of its still present power in geopolitics, as to the predictability of such a phenomenon being too hasty.

Keywords: Kondratieff; Hegemony; Systemic accumulation cycles

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

CALTECH – Instituto de Tecnologia da Califórnia

DOD – Department of Defense (Departamento de Defesa)

OPEP – Organizao dos Países Exportadores de Petróleo

UE – União Europeia

EUA – Estados Unidos da América

MIT – Massachusetts Institute of Technology (Instituto de Tecnologia de Massachusetts)

SAGE – Semiautomatic Ground Environment (Ambiente de Terreno Semiautomático)

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

NACA – National Advisory Committee for Aeronautics

NASA – National Aeronautics and Space Administration (Administrao Nacional da Aeronáutica e Espaço)

NDRC – National Defense Research Council Nacional (Conselho Nacional de Pesquisa em Defesa)

PIB – Produto Interno Bruto

PNB – Produto Nacional Bruto

RLEE – Renda Líquida Enviada ao Exterior

RLRE – Renda Líquida Recebida do Exterior

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. As ondas de Kondratieff. Fonte: <https://www.joaopedroresende.com/nikolai-kondratieff-ja-sabia-da-crise/> Acesso em 15/09/2019.....14

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Disposição das ferrovias no século 19 | 29 |
| Tabela 2. A composição do balanço de pagamento inglês, no decorrer do século XVIII ao XIX..... | 31 |
| Tabela 3. Impérios coloniais em 1914 | 34 |
| Tabela 4. Países selecionados: déficit público (1914-18) | 38 |
| Tabela 5. Inglaterra: balanço de pagamentos (1925-31)..... | 39 |
| Tabela 6. Crescimento setorial dos Estados Unidos em fins do século XIX e começo do século XX. | 48 |
| Tabela 7. Índices de preços ao consumidor (1914-1920) | 48 |
| Tabela 8. Economia norte-americana de 1919-39 | 52 |
| Tabela 9. Gastos do orçamento em Defesa Norte-americano | 70 |
| Tabela 10. Agência de Projetos Avançados de Pesquisa de Defesa (Encomendas planejadas)..... | 72 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 | KONDRATIEFF..... | 14 |
| 2.1 | CRÍTICAS A KONDRATIEFF..... | 15 |
| 3 | ARRIGHI..... | 16 |
| 3.1 | CRÍTICAS A ARRIGHI..... | 16 |
| 4 | INTEGRANDO OS MODELOS..... | 18 |
| 4.1 | CRÍTICAS À INTEGRAÇÃO DOS MODELOS..... | 18 |
| 5 | IMPERIALISMO E HEGEMONIA: ALGUMAS DEFINIÇÕES..... | 19 |
| 5.1 | IMPERIALISMO..... | 19 |
| 5.2 | HEGEMONIA..... | 22 |
| 6 | LIBERALISMO CLÁSSICO: HEGEMONIA INGLESA..... | 26 |
| 6.1 | PERDA DE DOMÍNIO COMERCIAL INGLÊS..... | 30 |
| 6.2 | PADRÃO-OURO CLÁSSICO: HEGEMONIA INGLESA POR MEIO DA LIBRA..... | 32 |
| 6.3 | IMPERIALISMO EM FINAIS DO SÉCULO XIX: DESCENSO DO SEGUNDO KONDRATIEFF..... | 33 |
| 6.4 | IMPACTO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NAS POTÊNCIAS OCIDENTAIS..... | 36 |
| 7 | DESENVOLVIMENTO NORTE-AMERICANO..... | 40 |
| 7.1 | AS FERROVIAS..... | 43 |
| 7.2 | SISTEMA BANCÁRIO NORTE-AMERICANO..... | 45 |
| 7.3 | A INDÚSTRIA NORTE-AMERICANA..... | 46 |
| 7.4 | A GRANDE DEPRESSÃO NORTE-AMERICANA NO PÓS-GUERRA..... | 47 |
| 7.5 | DESCONTINUIDADES ESTRUTURAIS NO PÓS-GUERRA..... | 48 |
| 7.6 | ACORDO DE BRETTON WOODS E A HEGEMONIA NORTE-AMERICANA..... | 55 |
| 8 | DESCENSO DO QUARTO KONDRATIEFF: QUEBRA DO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL E ADVENTO NEOLIBERALISMO..... | 58 |
| 8.1 | PLENO EMPREGO NO PÓS-GUERRA..... | 58 |
| 8.2 | MUDANÇAS MORFOLÓGICAS NA ECONOMIA MUNDIAL EM FINS DA DÉCADA DE 1960..... | 59 |
| 8.3 | MORFOLOGIA DOS CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO..... | 61 |
| 9 | ADVENTO DO NEOLIBERALISMO..... | 63 |

| | | |
|-----|--|----|
| 9.1 | CRÍTICAS À VISÃO DE ARRIGHI..... | 65 |
| 10 | COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR NORTE-AMERICANO..... | 67 |
| 11 | CONCLUSÃO..... | 73 |
| | REFERÊNCIAS..... | 77 |

1 INTRODUÇÃO

Os ciclos longos de Kondratieff, do economista russo Nikolai Dmitrievich Kondratieff (1894-1982) visam dar rigor analítico aos ciclos de expansão e retração capitalistas. Os ciclos seriam marcados por períodos de ascensão e descenso, durando em média 40-60 anos desde a fase de ascensão até seu descenso.

O primeiro Kondratieff tem seu marco histórico em finais do século 18, sua fase de descenso, metade do século 19. A tendência nem sempre é linear ou determinística, permite apenas perceber o comportamento do processo, que como tentaremos mostrar, é de certa maneira comportamental-oscilante em forma de *ondas*. Considerasse que Arrighi (1996) observa os Ciclos de Kondratieff, como seguidos de fases – A e B – na A, haveria uma tendência a cooperação entre os entes empresariais, cooperação por meio de “acordos cristalizados”, no entanto, tal cooperação se daria de forma desigual, pois os excedentes obtidos seriam distribuídos de forma assimétrica nesta fase o que com tempo levaria os agentes à nova concorrência, entrando na fase B, de tensões geopolíticas, pois cada ente capitalista visa obter os ganhos de insumos e os Estados são elos representativos desses agentes em seus países.

O Primeiro Kondratieff – fase A – se dá sob hegemonia inglesa e seu domínio tecnológico com os têxteis, energia hidráulica e o ferro. Essa fase do ciclo abrange de 1790-1815, na fase B, há a intensificação da concorrência, neste contexto, a Europa foi tomada também pela *Primavera dos Povos*², - 1848 - que acarretou em levantes por toda a Europa, e baixa do ciclo e o início do segundo Kondratieff que como marco de tempo referencial, começa em 1850 e termina em 1873 – ano que marca também o que alguns historiadores chamam de a Primeira Grande Depressão³ – tendo sua fase A, na generalização das máquinas a vapor, ferrovias. – Inglaterra, EUA e Europa também são seguidos deste ciclo –. A fase B no Segundo Kondratieff- 1873-1900 - pode ser entendida como a expansão imperialista europeia. A Inglaterra já perdia dinamismo para os EUA, Alemanha e também para o Japão devido a mudanças na configuração do comércio internacional. Com essa expansão imperialista, tem-se o questionamento – ou rivalidade – por parte de outros países, para com a Inglaterra.

² Disponível em:< <https://www.infoescola.com/historia/primavera-dos-povos/>> acesso em: 03-12-2019.

³ Para mais detalhes, disponível em:< <https://alunosonline.uol.com.br/historia/primeira-crise-capitalista.html>> acesso em:03-12-2019.

A fase de ascensão do Terceiro Kondratieff, abrange aproximadamente de 1900, a 1920 – interrompida pela eclosão da Primeira Guerra Mundial –, nesta fase, o comércio internacional cresce relativamente no pós-Primeira Guerra, e entra em espiral de descenso na retração da economia norte-americana refletindo na crise sistêmica que foi a Grande Depressão de 1929. A fase B, abrange de 1920 a 1950, e foi marcada pela Grande Depressão norte-americana, quebra do padrão-ouro, declínio dos preços agrícolas e a Segunda Guerra Mundial. O Início do quarto Kondratieff, – fase A – vai de aproximadamente de 1950, a 1975. Esta fase deste Kondratieff, é marcada pela profusão da informática, softwares; tecnologias da informação; e abrange desde o fim do conflito, ao Acordo de *Bretton Woods*; período marcado por estabilidade macroeconômica e relações comerciais sem grandes cataclismos. A fase B deste Kondratieff, abrange desde 1975, a aproximadamente 1990. E marca maiores fluxos de comércio, e de capitais ao redor do mundo, abandono do Acordo de Bretton Woods, Choques do Petróleo; advento do neoliberalismo. A partir desse marco cronológico, depois da década de 1990, teríamos entrado no quinto Kondratieff.

2 KONDRATIEFF

O presente trabalho foi pensado para trazer à discussão os processos de mudanças de hegemonia na esfera da geopolítica, partindo como marco inicial a Inglaterra e comparando-a com a norte-americana.

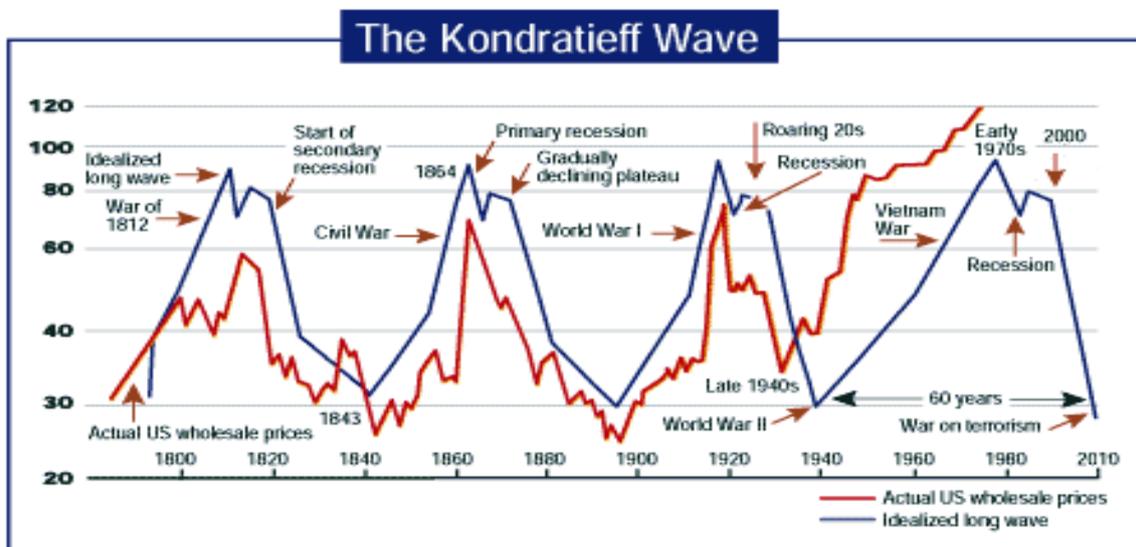


Figura 1. As ondas de Kondratieff. Fonte: <http://www.joaopedroresende.com/nikolai-kondratieff-ja-sabia-da-crise/> Acesso em 15,09,2019

O gráfico acima, mostra um comportamento oscilante: na ascensão do Primeiro Kondratieff que abarca de 1780 – fase A -, até 1850 – fase B - que Schumpeter (1939) atribui à Primeira Revolução Industrial Inglesa com a máquina a vapor. Esta inovação teria sido o “boom” de “destruição criativa” schumpeteriana, que levou de forma substitutiva à energia hidráulica, o que proporcionou ganhos substanciais à Inglaterra, sobretudo em ganhos de locação e realocação das suas estruturas fabris, não necessitando mais a proximidade com leito de rios ou nascentes para a produção.

Segundo Schumpeter (1939):

Historicamente, o primeiro Kondratieff coberto por nossa análise, significa a revolução industrial, incluindo o prologando processo de absorção. Nós o datamos dos anos oitenta do século 18 até 1842. O segundo cobre o que chamamos de era da máquina a vapor e do aço. Vai de 1842 a 1897. E o terceiro, O Kondratieff da eletricidade, da química e dos motores, nós o datamos de 1898 em diante. (Disponível em: <<http://peritiaeconomica.com.br/schumpeter-inovacao/>. Acesso em: 03-12-2019)

2.1 CRÍTICAS A KONDRATIEFF

Pode-se atribuir críticas ao modelo técnico de Kondratieff pelo fato de ser às vezes interpretado como uma espécie de *determinismo tecnológico*, onde os ciclos de ascensão e retração se pautariam em vias de inserção, maturação e absorção de capitais provenientes de novas técnicas de produção. As primeiras críticas vieram de justamente de Trotsky (1879-1940), que afirmava que tais ciclos serem componentes importantes da dinâmica capitalista, no entanto para ele; a interação era muito mais complexa, envolvendo desde luta de classes a relações interestatais. Nesse sentido, a mudança técnica que favorecia e desfavorecia a acumulação de capital, era parte constitutiva, mas estava longe de ser o único fator determinante.

Ernest Mandel (1923-1995) em sua obra o *Capitalismo Tardio* escrito em 1972, tenta capturar a nova dinâmica capitalista em plena *Era de Ouro* e com o advento de novas instituições supranacionais como o FMI, Banco Mundial e o Acordo de Bretton Woods. Em seu livro seguinte, “*As Ondas Longas do Desenvolvimento Capitalista*”, Mandel tenta dar prosseguimento à análise das Ondas Longas, ele também analisa os *fatores endógenos* para o desenvolvimento capitalista, estes seriam os propriamente econômicos, a composição orgânica do capital, seu tempo de rotação, a demanda efetiva para a realização da mais-valia, a queda tendencial da taxa de lucro. E os *fatores exógenos* ele atribuiu à luta de classes, a capacidade patronal impor perdas salariais aos trabalhadores que permitam a recomposição da taxa de lucro, por exemplo, e também as relações interestatais, como guerras. ⁴

⁴ Para mais detalhes sobre o livro e a concepção de Mandel sobre os limites e também das contribuições sobre os ciclos de Kondratieff, disponível em:< http://esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=5360> acesso em 27-10-2019

3 ARRIGHI

Giovanni Arrighi (1937-2009) foi um economista italiano, que estudou as relações dentro do "Sistema-Mundo". Para ele, as economias modernas eram regidas por um *hegemon* que teria o respaldo de outros países como sendo o referencial. Este tendo o protagonismo político, militar e tecnológico dentro do esquadro geopolítico sistêmico. Arrighi pauta seus estudos em cinco hegemonias mundiais: Gênova, Florença, Holanda, Inglaterra e Estados Unidos. Ele teve também como grande referência intelectual, o historiador Fernand Braudel⁵ (1902-1985), que dividia a economia em três "andares": *vida material* – produção visando a subsistência e onde se daria as verdadeiras relações sociais do dia-a-dia -, *economia de mercado* – onde através das forças de mercado, haveria a concorrência e formação de preços e disposição de produtos e fatores de produção – e por último, *capitalismo*; que seria onde as relações concorrenciais de mercado seriam cooptadas e haveria a interação entre poder político e econômico. Nessa linha de abordagem, haveria permutação da lógica de acumulação capitalista, com fases de períodos de ascensão e descenso.

Na primeira fase, o capital seria incorporado no setor produtivo e disponibilizando de uma grande massa de mercadorias, na fase seguinte haveria a reestruturação produtiva onde essa perdia espaço para as finanças.

Arrighi (1937-2009) trouxe outra contribuição de como esses ciclos se dariam também por meio de mudanças nos centros de hegemonia. Segundo seus estudos, a hegemonia quando perde seu poder no setor produtivo, entra em sua fase financeira. Dando lugar a um novo hegemon. Para finalidade deste trabalho, ele se pautará na ascensão e depois derrocada da hegemonia inglesa, e depois da ascensão norte-americana.

3.1 CRÍTICAS A ARRIGHI

As críticas a esta abordagem, se fundam em que a visão determinística de mudança seria um modelo muito hermético e haveriam constatações que mostram que a tendência de queda da hegemonia norte-americana no período pós-*Bretton Woods*, deixa espaço para dúvidas: o modelo dólar sem lastro, – dando vias ao advento do modelo de câmbio flexível – onde a moeda de referência ainda é a moeda norte-americana, e em algumas

⁵ Disponível em: < https://www.cartamaior.com.br/?%2FColuna%2FGiovanni-Arrighi%2F20867&fbclid=IwAR0FUaAaGDW_i3URuZDsPnb7sEjqDnWEjOMaG-A-xPM3aXX9glyAy06oRYY > acesso em: 28-10-2019

abordagens mostram que tampouco houve a mudança de configuração de poder na economia mundial, e esse fator longe de ser sinal de exaustão, teria mantido o poder norte-americano. Os altos déficits fiscais também não seriam um indicador de queda de seu poderio, já que a dívida é lastreada na própria moeda soberana. Outro aspecto também seriam os déficits no balanço de pagamentos, onde os EUA por apresentarem fragilidades em transações correntes; e tampouco que os gastos militares seriam um terreno inócuo propiciando apenas perda de competitividade e pressões sobre o orçamento. Como tentar-se-á mostrar, foi através do *keynesianismo militar* que fez com os EUA ultrapassassem sua fronteira tecnológica

4 INTEGRANDO OS MODELOS

Este trabalho dentro de suas limitações, tenta dar uma interação aos dois modelos: Kondratieff conjugado com os Ciclos de Mudanças de Hegemonia de Arrighi. Tentar-se-á mostrar as *tendências gerais*, constatações empíricas, certas potencialidades e também limites. As Ondas de Kondratieff dão uma visão intuitiva e que não deixa de ser verificado empiricamente e como oscila a economia capitalista ao longo de sua história: as ondas anteriores, trazem um parecer de arcaísmo das forças produtivas. E como a alternância também de fases de ascensão e prosperidade, seguem-se de fases financeiras assim como tentou explicar Arrighi.

4.1 CRÍTICAS À INTEGRAÇÃO DOS MODELOS

Economia não é uma ciência exata, tampouco a afirmação empírica pode ser dada *a priori* - o que deixa margens para contingências - ou ser apreendida em sua totalidade por meio de sistemas matemáticos às vezes descolados da realidade. Kondratieff foi absorvido por Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) que deu valoração mais sistemática à teoria das Ondas Longas e também por Giovanni Arrighi (1937-2009). Mas o mesmo Kondratieff também sofreu críticas tanto dos opositoristas ao modo de produção capitalista como a alta burocracia do Partido Comunista Soviético, quanto ao próprio Stálin e ironicamente até o próprio Trotsky – que era desafeto político de Stalin – pelo seu *determinismo tecnológico*. Esta última crítica como foi mostrada, foi reelaborada por Mandel. E Arrighi por sua vez, pode ser alvo de um determinismo macrossociológico, dentro da teoria do Sistema-Mundo onde os Ciclos Sistêmicos de inserção-absorção e mudanças nas cadeias produtivas levam à *financeirização* do país hegemônico e este por sua vez, perde sua posição de *hegemon*.

5 IMPERIALISMO E HEGEMONIA: ALGUMAS DEFINIÇÕES

5.1 IMPERIALISMO

Diferentes formas de impérios marcaram a história: o Romano, Persa, Chinês, Inglês e a forma mais contemporânea seriam agora o norte-americano. Dando uma abordagem descritiva do termo, por vias de elaborações de ordens semânticas na Economia Política: Imperialismo pode ser visto como o domínio de uma nação exercido sobre outra. Diferentes são as efetivações de cada forma de imperialismo, de acordo com o tempo, condições materiais e concepção de cada nação dominante.

Kanaan (2016, p.12) considera que de forma geral, algumas descrições são trazidas à análise: o Império Chinês Antigo era assente em centralização e composto de um grande número de funcionários. O Estado Imperial também impedia que houvesse grandes concentrações de terras nas mãos de poucos, impedindo assim a formação de grandes proporções agrárias detido por grupos pequenos. Isso objetivava não criar uma classe agrária forte e que pudesse ameaçar o poder da burocracia estatal.

O Império Romano era descentralizado e favorecia a criação de classes agrárias e distantes de Roma, o que favorecia a formação de aristocracias fortes. A terra então sendo como um dos meios de obtenção e perpetuação de poder de determinados dentro da aparelhagem burocrática do Estado. Nessas condições, fazia-se necessário dispor de uma força militar direta no território ocupado, e controlar as elites locais detentoras de terras alinhadas aos interesses do Império. Foi baseado então nesse forte sistema de propriedade fundiária e com uma poderosa força militar que o império romano avançou, e se afastou do modelo de outros impérios anteriores aos imperialismos europeus do século XV (das grandes navegações), no momento em que “a terra privada e a riqueza dela obtida eram a essência do exercício imperial”, e não mais a tributação direta sobre as sociedades conquistadas.

Com isso criou-se a tendência de expansão do Império Romano, e seu modelo de Estados locais fortes, mas pequenos e subordinados à Roma, foi de forma geral o modelo copiado pelos imperialismos europeus posteriores, que conquistaram seus territórios em locais amplamente dispersos. O Império Espanhol foi um dos que seguiu essa tendência de ter relativa descentralização, - e mesmo que a coroa tenha tido a precaução até de impedir o surgimento de grandes margens de terras – pela própria efetivação de distância

geográficas acabou dando margem às classes detentoras de terras serem, com o intuito de ter domínio sobre o território, o que poderia ser inviável de outra maneira, pois seus domínios territoriais na América Latina, por exemplo levariam a um alto custo à coroa, caso houvesse a ocupação direta.

O modo primário de expansão imperial (espanhola) não foi a absorção de novos territórios num único aparelho burocrático, mas pelo contrário, a dispersão do poder político e econômico ligado à propriedade privada, governada a enorme distância por um Estado imperial”. Era, pois, impossível governar os territórios na América nos moldes do imperialismo chinês, sem permitir a dominação das terras pelas elites locais (Wood, Apud. KANAAN, 2016, p.13).

Segundo o texto de Kanaan (2016, p.11-8) os imperialismos de diferentes forças produtivas e relações de produção como o Romano e Espanhol, são similares, – chamados de *impérios de propriedade*, que prevaleciam imperativos extra-econômicos para extração do excedente: força militar, relações legalistas de propriedade, permitindo a obtenção de exploração – haja vista que permitiam a fecundação de elites agrárias locais como extensão de seus impérios, devido ao distanciamento geográfico. Os impérios genovês e holandês, seriam nesse contexto, como impérios comerciais que visavam ter ganhos monetários através do comércio – esse era um dos postulados mercantilistas - Não comercial no sentido estrito capitalista que exige a separação do produtor direto dos meios de produção, mas que objetivavam ganhos nas relações de troca. Para ficar mais claro:

Essa argumentação da autora vai, dessa forma, de encontro com a caracterização clássica dos impérios genoveses e holandeses como capitalistas, que tem como o maior expoente Giovanni Arrighi¹⁸. Segundo ela, os impérios comerciais, da mesma forma que os impérios da propriedade, tinham como base de seu *modus operandi* a força extra-econômica, ao contrário do imperialismo capitalista, o primeiro império a ter como base da sua dominação a força econômica. (Kanaan, 2016, p. 14).

O imperialismo capitalista se daria então diretamente por meio de extrações econômicas, – através das relações desiguais de troca, na ocupação territorial via IED – Investimentos Externos Diretos – mesmo que mantenha uma relação de complementariedade com os imperativos extra-econômicos: políticos que legitimam as relações contratuais, de salários, o lucro e a propriedade privada dos meios de produção. Diferentemente de outros imperialismos, o capitalista se pauta no econômico, aproveitando os insumos, terras férteis e mão-de-obra a dar suporte à expansão capitalista. Conflitando com a dominação direta do território, por meios militares, o imperialismo

seria mais opaco, pois seria fundamentado em relações comerciais entre países soberanos, que teriam sua soberania e respeitabilidade legitimada nas relações de troca.

Hunt e Sherman (1977, p.157-60) afirmam que Rosa Luxemburgo (1871-1919) considerava a expansão imperialista, devido à hipossuficiência de consumo – ou nos termos da própria autora: teoria do subconsumo – já que os capitalistas pagariam um dos fatores de produção – a força de trabalho – por meio dos salários. Ela também teria percebido que os capitalistas poderiam consumir uma parte do *excedente* extraído do trabalhador, porém o consumo dos capitalistas seria uma parte pequena desse *excedente*. Por conta dessa remuneração do fator ser apenas meio de replicação material do trabalhador – configuraria em certos déficits entre a produção e expectativa de realização dos lucros, já que os trabalhadores gastavam toda sua renda, e o meio de realização do lucro, nessas condições segundo sua visão os lucros apenas iriam se realizar buscando novos mercados.

Assim esses novos mercados seriam condição necessária para expansão da demanda efetiva do país capitalista em questão. Segundo os próprios autores, o erro de Rosa Luxemburgo teria sido analisar o problema de expansão econômica focando no subconsumo, e o cerne do problema segundo eles, estaria no fato de a expansão capitalista ser pautada visando encontrar canais de obtenção de lucros, por isso haveria a necessidade de expansão contínua e essa expansão se daria em meios à expansão dos mais investimentos em capital constante. Se Rosa Luxemburgo errou no objeto de análise ao se pautar no subconsumo, suas análises se mostrariam muito consistentes também para entender os condicionantes materiais que levaram à Primeira Grande Guerra Mundial.

O problema que Rosa Luxemburgo errou na análise objetiva foi depois corrigido por Lênin analisando as contradições do imperialismo. Em sua obra escrita em 1916: *Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo*. Para ele, a formação de monopólios algo que Marx já tinha visto com muita lucidez e classificava como *centralização de capitais*⁶ era para Lênin, monopólio não no sinônimo de um mercado subordinado à apenas uma empresa, e sim na sua tipologia analítica, seria um mercado global dominado por trustes e carteis. Isso seria possível por conta da intermediação bancária⁷. Mesmo que os bancos

⁶< <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/cristianomonteirodasilva.pdf>> acesso em 11-11-2019

⁷ Aquilo que Hilferding (1877-1941) chamou de capital financeiro que seria a unificação do capital bancário com o industrial eram facilitados pela intermediação bancária. <<file:///C:/Users/BR/Downloads/TD243.pdf>> > acesso em 11-11-2019

fossem perspicazes em movimentar volumes vultuosos de dinheiro, a Tendência à Queda na Taxa de Lucro, os levaria a buscar canais adequados para valorização do capital, e o meio de dar continuidade, seria buscar meios de rentabilizações no exterior. Essa era a tendência que Lênin via no capitalismo imperialista: exportar capitais, e as áreas ainda livres da orbita capitalista, eram o terreno ideal para isso, pois apresentavam uma demanda em potencial, mão-de-obra barata e recursos naturais.

Segundo Hunt e Sherman (1977, p.161) em fase de capitalismo imperialista, os vários governos nacionais visavam proteger e assim proteger seus monopólios nacionais dentro do seu domínio político, ao mesmo tempo, esses monopólios nacionais – e carteis – visavam querer repartir os mercados internacionais em monopólios e também carteis internacionais. Mas com o tempo, as profundas rivalidades e as leis da concorrência acabavam prevalecendo sobre os acordos costumeiros, levando ao acirramento das instabilidades. Nas palavras de Lenin:

A época da última etapa do capitalismo, mostra-nos que surgiram entre as associações capitalistas determinadas relações baseadas na divisão econômica do mundo; paralelamente e vinculado a isso, surgem entre as associações políticas, entre os Estados, determinadas relações baseadas na divisão territorial do mundo, na luta pelas colônias, ‘na luta pela esfera de influência’. (Lênin, 1916, apud. HUNT & SHERMAN, 1977, p. 161).

5.2 HEGEMONIA

O conceito de hegemonia varia de autor para autor, e também às vezes pode marcar uma linha tênue com a definição de imperialismo, pois os dois levam em consideração, dois aspectos da influência interestatal: poder e liderança com nexos territoriais. Enquanto o conceito de Imperialismo requer uma dominação direta, e no capitalista dominação econômica, sem a necessidade de ocupação territorial direta – não também que a força militar não esteja sempre em estado de latência – marcando uma relação de assimetria, de coerção e subjugação. Na hegemonia, há certa aceitação da ordem de um país hegemônico como estabilizador da ordem global. Assim dentro dessa relação, haveria uma certa tendência à hierarquização do poder, de acordo com a importância do país e de suas empresas dentro desse sistema. Essa aceitação tácita pode sofrer reveses como foi no caso da hegemonia inglesa, marcando assim um período de concorrência acirrada interestatal. Dentro das Relações Internacionais, há esta definição:

A diferença de hegemonia para império estaria na falta de comprometimento explícito para com o bloco territorial de poder em si, e no seu embasamento

em persuasão e recompensa aos subordinados. O autor (Agnew. **Grifo meu**) define hegemonia como a participação de outros no exercício do seu próprio poder, "convencendo, bajulando ou coagindo-os a querer aquilo que você quer" (Agnew, 2005, p. 2).

Para o filósofo marxista Antônio Gramsci (1891-1937) o conceito de hegemonia se daria por meio do consentimento, refletindo a noção de difusão de ideias de uma determinada classe sobre outra. O Estado seria assim a ampliação da representação desse grupo dentro da esfera civil. A noção de hegemonia interestatal seria por meio de ampliação, o consentimento de domínio de um Estado sobre outro, tendo como agente de representação dessas classes. Segundo Garcia (2010, p.162) Gramsci estava analisando o porquê a Itália cedeu ao advento do fascismo. Segundo a autora, para Gramsci liderar é diferente de dominar, para tanto deve haver a legitimação e aceitação de um determinado grupo.

A hegemonia da classe dominante é, assim, institucionalizada no aparato político, mas formada e sustentada na esfera da sociedade civil (Estado ampliado). Quando a classe dominante perde o consenso na sociedade, ela não exerce liderança, mas dominação, precisando para isso exercer força coerciva (Gramsci, 1971, p. 272). A ideologia liberal buscou separar o Estado da sociedade civil, afirmando que a atividade econômica pertence a ela, e o Estado não deve intervir nem regulá-la. Mas se ambos são parte do mesmo, então, segundo Gramsci, "deve estar claro que o liberalismo também é uma forma de regulação estatal, introduzida por meios legislativos coercivos" (Gramsci, 1971, p. 160, apud. GARCIA, 2010, p.163). Hegemonia e sociedade civil são, portanto, dois conceitos interdependentes e devem ser pensados de forma conjunta (Buttigieg, 2005 apud. GARCIA, 2010. p.163).

Segundo a mesma autora dentro das relações internacionais há críticas destoantes e convergentes sobre o conceito gramscismo de hegemonia, alguns expoentes da escola do realismo percebem Imperialismo e Hegemonia como sinônimos. A consolidação da hegemonia de um país se deveu em grande parte a expansões e guerras interestatais. É o caso de Gilpin (1981, p.197-198) "As grandes transformações na história mundial foram derivadas de guerras hegemônicas entre rivais políticos, cujo resultado é o reordenamento do sistema a partir de ideias e valores do Estado vencedor." (Gilpin, 1981. p.203. apud. GARCIA, 2010, p.164). Nesse sentido, percebe-se uma aproximação da visão de Lênin, que foi dito anteriormente, e que seria causa de instabilidades. Uma vez que as empresas buscam nexos demarcatórios dentro do oligopólio global no acirramento da concorrência dentro do mercado global e cada Estado visa defender os interesses de suas empresas. Enquanto os excedentes de capitais encontrarem meios de valorizar-se por meio da busca de recursos naturais, explorando os diferenciais de recursos, e a expansão territorial na busca de incorporação de mercado, o sistema que é per si anárquico, pode ser relativamente estável. À medida que pode haver a tendência à queda na taxa de lucro,

novas tensões são suscitadas e há a eclosão de conflitos interestatais. O caso mais que mais se enquadra neste quadrante analítico, pode ser a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Contudo Garcia (2010, p.164) mostra que apesar da semelhança com a visão de Lenin, a visão de Gilpin (1981, p.207) difere da noção de hegemonia de Gramsci:

Ao contrário de Gramsci, Gilpin afirma que a tática de fazer concessões aos poderes menores para assegurar o *status quo* pode demonstrar um sinal de enfraquecimento do hegemom, gerando um ciclo vicioso de demandas por mais concessões (GILPIN, 1981, p. 207). Este ponto expõe a diferença da concepção de hegemonia como poder militar, político, territorial e econômico (semelhando-se a imperialismo), inversamente a autores que trabalham com "consenso e coerção". Para estes, a habilidade de construção de consenso a partir de concessões legitimará a liderança do hegemom, que usará a coerção somente quando necessário. Assim, as formas de concessão e compromissos internacionais são instrumentos de legitimação do poder. (Garcia, 2010. P.164)

A autora⁸ faz digressão sobre outras visões, dentre elas a de ‘Kindleberger (1973) aponta que a crise e a Grande Depressão dos anos 1930 poderiam ter sido evitadas se a Inglaterra tivesse tido capacidade, e os EUA vontade política de exercer liderança.’ (Kindleberger, 1973, p. 291-292). Essa abordagem tenta-se abordar mais adiante como na Relação do Sistema-Mundo os anos 1930, foram instáveis por inúmeras razões. Os dois países no pós-guerra estavam imersos em seus interesses particulares.

Pela visão dos teóricos do realismo e institucionalismo, a hegemonia seria nesse caso um mal necessário, pois garantiriam a ordem global. ‘Os regimes econômicos internacionais fortes dependem de um poder hegemônico, ao passo que a fragmentação do poder entre países em competição leva à fragmentação do regime. A concentração de poder indica, portanto, estabilidade.’ nessa concepção, haveria um aspecto benévolo entre o país hegemônico que asseguraria a estabilidade frente aos caos anárquico interestatal. (Keohane, 1993. p.111. apud. GARCIA, 2010, p.165).

Haveria também visões mais críticas às ‘benesses’ distribuídas do núcleo hegemônico aos países subalternizados. Garcia (2010, p.166) afirma que um deles seria a visão de Cox (1987) para o qual, a hegemonia se alça em assimetrias que se pautam em certo de servilismo dos países periféricos dentro da distribuição de capital e de poder. A relação seria assimétrica porque ‘um Estado cria uma ordem baseada ideologicamente

⁸ Para todas as abordagens e relações e divergências entre imperialismo e hegemonia nos estudos de Garcia, ver: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292010000100005#nota03b> acesso em: 15-11-2019.

em ampla medida de consentimento, funcionando de acordo com princípios gerais que, de fato, asseguram a contínua supremacia do Estado líder, e sua classe social dominante, oferecendo, ao mesmo tempo, alguma medida de satisfação aos menos poderosos.” (Cox, 1987, p.7. Apud. GARCIA, 2010. p.166). Nessa concepção, o Estado líder criaria ou acentuaria suas condições de poder, mas que os outros Estados também reconheçam em medida compatível com seus próprios interesses. Garcia (2010, p.166-7) também traz a visão de Giovanni Arrighi (1993), afirma que:

Para Arrighi (1993), a formação de uma hegemonia mundial está diretamente ligada à formação social hegemônica da classe dominante no âmbito doméstico. Um Estado torna-se hegemônico mundialmente quando pode reivindicar com credibilidade que é a força motriz de uma expansão universal do poder coletivo de sua classe dominante com relação a outros Estados, assim como com relação às classes subalternas (Arrighi, 1993, p. 151). Este tipo de reivindicação é mais plausível em situações de caos sistêmico, em que há falta de organização generalizada e escalação de conflitos. À medida que o caos sistêmico aumenta, a demanda pela instalação de ordem generaliza-se entre dominantes e dominados. Qualquer Estado em condições de satisfazer esta demanda se apresenta como potencial hegemom. (Garcia, 2010, p.167).

A tentativa deste trabalho, é se reportar ao conceito de hegemonia, dentro dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação de Arrighi, tendo como uma referencial básico, as Ondas de Kondratieff, economista russo que serviu de base para suas elaborações de centros de hegemonia e mudanças de “centro” capitalista e territorial de poder, dentro do Sistema-Mundo.

6 O LIBERALISMO CLÁSSICO: HEGEMONIA INGLESA

Hobsbawm (2017, p.58) afirma que foi a partir de cerca de 1840, que o termo Revolução Industrial passou a ser sentido de forma mais óbvia – ao menos fora da Europa -, e que passou a ser fruto de estudos mais elaborados e tentativas de replicação do modelo econômico inglês⁹. De fato, se nos atentarmos aos seus desdobramentos nos países do Núcleo Orgânico do Capitalismo, parece haver um período de convergência à industrialização: 1870, na Alemanha por meio de sua Revolução Prussiana, impulsionada por Otton Von Bismark. 1868, no Japão com sua Restauração Meiji.

Parece ter sido a Inglaterra tomada por um *boom* de desenvolvimento, onde a expansão das forças produtivas estavam em pleno processo de desenvolvimento, desestruturando e absorvendo as relações pré-capitalistas. Porém, como todo processo de revolução não se dá de forma harmônica, este processo acontece por meio de rupturas, assim também foi com a Inglaterra. O cercamento das terras comunais no plano doméstico foi fator decisivo para o advento da Revolução: a separação do produtor direto dos meios de produção, dando lugar ao trabalho assalariado; concentração de capital de um lado e trabalhadores com a oferta de sua força de trabalho do outro.

E no plano internacional, como afirma Hobsbawm (2017, p.67) a Inglaterra tinha estabelecido sua rota comercial, graças também à sua marinha mercante e melhorias nas rotas navegáveis. A indústria algodoeira britânica tinha estabelecido também as condições para o comércio ultramarino que levava à produção de fustão (uma mistura de linho com algodão) este manufaturado que concorria com a chita indiana, mas por meio da relação desigual entre metrópole e colônia, o protecionismo inglês o impedia de penetrar na Inglaterra, em contrapartida o fustão era exportado para a Índia visando ter maiores ganhos comerciais possíveis. O comércio colonial acabou por criar a indústria do algodão, insumo da indústria têxtil e continuou a alimentá-la nos séculos XVIII em Bristol, Glasgow, e mais ainda em Liverpool. E onde o comércio se intensificava, havia também o crescimento do comércio de escravos, segundo o próprio historiador,

⁹ Na França: berço dos economistas fisiocratas, houve o rompimento com a antiga ordem absolutista feudal, em marcos temporais, foi em 1789 com a queda da Bastilha. “ Se a economia do século 19, foi formada principalmente sob influência da Revolução Industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa.” (Hobsbawm, 2012. p. 97). O autor também prossegue dizendo que foi esta Revolução que criou os designativos: “nação, patriotismo” (Hobsbawm, 2017, p.121). É atribuído também à Revolução Francesa, o rompimento da Idade Média, para a Idade Moderna.

caminharam juntos: escravidão e comércio de algodão ultramarino, que fomentou a industrialização.

Chomsky (2006, p. 34) seguindo uma linha aproximativa com a análise de Hobsbawm (2017, p. 67) afirma que também o uso barato do algodão que fomentou a indústria têxtil inglesa não se deveu também às forças de mercado, e sim devido ao uso da escravidão e o aniquilamento da população nativa dos Estados Unidos. A literatura econômica corrente pouco aborda a relação entre Estado e liberalismo. Chomsky (2006) enxerga a relação Estado-mercado e suas relações coloniais inglesas, em especial com a sua colônia, a Índia. Em suas palavras:

Suas riquezas (da Índia. **Grifo meu**) foram drenadas para a Inglaterra ao mesmo tempo que sua avançada indústria têxtil foi destruída pelo protecionismo dos britânicos. O Egito também deu passos em direção ao desenvolvimento na mesma época que os Estados Unidos, mas foi bloqueado pela Inglaterra, pela razão absolutamente explícita de que a Grã-Bretanha não podia tolerar nenhum desenvolvimento independente na região. (Chomsky, 2006, p. 34).

Tendo as condições materiais para a virada industrialista, a Inglaterra em finais do século 18 conflitava com os fundamentos dos mercantilistas, para os quais o motor do desenvolvimento seria unicamente o comércio. Os mercantilistas defendiam que o grau de riqueza de uma nação era mensurado no bimetalismo: ouro e prata, uma atuação ativa dos governos visando uma balança comercial favorável, estimular as exportações onde essas eram pagas em algum dos dois metais, e inibir as importações, que pela visão mercantilista eram nocivas, pois refletiam em saídas de metais preciosos do país. Tal postulado econômico vigorou entre os séculos XVI e XVIII, mas foi alvo de críticas, pois se todos os países seguissem tais princípios todos iriam adotar o protecionismo e não haveria comércio.

Por volta do último quarto do século XVIII: o "liberalismo econômico" na Inglaterra, agora já em condições de expansão, ganhou notoriedade e que teve como maior expoente Adam Smith no seu clássico "A Riqueza das Nações" publicada em 1776. Ao contrário dos predecessores mercantilistas, os liberais clássicos defendiam a industrialização como motor do desenvolvimento, e a destreza proveniente de mais elaborada divisão do trabalho, levando à redução de custos, obtenção de ganhos salariais reais, o que levava a novas expansões de mercado, aumentando o emprego e maiores ganhos a serem repartidos por toda a sociedade. Hunt & Sherman (1977, p.53) afirmam que o período compreendido entre 1700 e 1750, a produção das indústrias na Inglaterra

que atendiam os mercados doméstico cresceu 7% e a das indústrias de exportação, 76%." Já no período de 1750-1770, esses índices foram de 7% e 80%, respectivamente segundo os mesmos autores. A indústria têxtil foi o setor mais expansivo dessa primeira fase industrialista.

Três inovações se destacam: a máquina de fiar (spinning jenny) em 1760 que permitia uma só pessoa fiar vários fios simultaneamente; a máquina de fiar movida à água (water frame) em 1768, aprimorou as operações de fiação ao incorporar aos processos, cilindros e os fusos; e finalmente a fiadeira automática criada em 1780, reunia as características das duas máquinas de fiar anteriores, com a vantagem de permitir o emprego de energia a vapor (Hunt & Sherman, 1977. p. 54).

As primeiras máquinas desse tipo começaram a ser usadas por volta de 1700. Segundo Hunt & Sherman (1977, p.55) o uso sistemático e mais elaborado ficou por volta de 1769 com James Watt, que projetou uma máquina mais precisa e, em impulso retilíneo de um pistão podendo ser convertido em um movimento rotativo. Outro aspecto que não pode ser negligenciado, é o crescimento da população urbana ocupada nos grandes centros das cidades inglesas, Hunt & Sherman (1977, p.56) afirmam que as principais cidades manufatureiras experimentaram um crescimento realmente espetacular. A população de Manchester, por exemplo, estimada em 17.000 habitantes em 1760, subiu para 237.000 habitantes em 1831 e 400.000 em 1851. A produção de bens manufaturados praticamente dobrou o seu volume na segunda metade do século XVIII, e cresceu a um ritmo ainda mais acelerado no princípio do século XIX. Aproximadamente por volta de 1801, cerca de 30% da força de trabalho existente na Inglaterra estava empregada nas atividades manufatureiras e mineradoras; em 1831, esta cifra ascendeu para cerca de 40%.”

O período posterior ao boom industrial inglês, teve impactos a longo prazo; a hegemonia inglesa ainda teve processos de continuidades, com novas inovações propiciadas pelo domínio tecnológico, comercial e financeiro; e agora pela sua frota mercante, que por volta de 1830, dava à Inglaterra o status de hegemonia - Na interpretação temporal deste trabalho, tratasse do descenso do Primeiro Kondratieff de , e início do Segundo -.A hegemonia britânica no século XIX, por vias comerciais, marcava uma nova divisão internacional do trabalho; além de uma política livre-cambista na política comercial que remonta provavelmente aos anos de 1840. Este é visto como "momento da a primeira vitória importante dos defensores do comércio sem barreiras." (Cury, 2006, p. 21).

Segundo Cury (2006, p.17) por volta de 1830, os números apontavam o volume do comércio marítimo britânico como sendo correspondente ao dobro do restante europeu em conjunto - 950 mil toneladas contra 463 mil.” E com o domínio na fabricação de ferrovias, garantiu à Grã-Bretanha cerca de 50 anos de crescimento e expansão. "O fato é que em 1870, o comércio da Grã-Bretanha era maior do que os da França, da Alemanha e da Itália juntos e superava em três vezes os Estados Unidos" (Cury, 2006. p. 23).

O *boom* econômico consolidando a hegemonia britânica parecia ser algo inquestionável, pois aquele país criou redes de conexão comerciais que agora não se restringiam apenas à frota mercante, e ao desenvolver a produção de ferrovias e exportar, tornando o processo – de obtenção de técnicas, pessoas qualificadas – e exportação para outros países, desse padrão de ferrovias a outros países por meio do mercado de capitais da *City Londrina* – dentre eles os EUA –, (Cury, 2006. p.18-9) a Grã-Bretanha impôs novas formas de transportar pessoas e mercadorias, dando um panorama do que seria o domínio britânico. Caso de como a expansão britânica se dava de forma a se dar ao redor do globo, é que por volta de 1830, é também o caso do Brasil, onde houve inicialmente a construção de malhas ferroviárias visando a exportação do café.

Tal modelo de fabricação era favorecido pela rede financeira da *City Londrina*, que financiava. “Por suas características particulares”, a estrada de ferro era uma espécie de "pacote industrial", cuja aquisição implicava a obtenção simultânea de técnicas, dos equipamentos (...) e na maioria dos casos, do financiamento ou empréstimo para construí-la (...). No caso brasileiro, por exemplo, o café pôde se interiorizar rumo ao oeste paulista graças à construção de ferrovias que ligavam as novas áreas produtoras ao principal porto de exportações - Santos. (Cury, 2006, p.19).

Alguns números mostram a tendência da profusão de ferrovias:

Tabela 1. Disposição das ferrovias no século 19

| Países e continentes | 1850 | 1870 | 1900 | 1913 |
|----------------------|--------|---------|---------|---------|
| Europa | 23.500 | 104.000 | 282.000 | 359.000 |
| Reino Unido | 10.500 | 24.5000 | 33.000 | 38.000 |
| Alemanha | 6.000 | 19.500 | 43.000 | 61.000 |
| França | 3.000 | 17.500 | 36.500 | 49.500 |

| | | | | |
|--------------------------|--------|--------|---------|---------|
| Rússia | 1.000 | 10.500 | 50.000 | 65.000 |
| América do Norte | 14.800 | 90.000 | 357.000 | 457.000 |
| América Central e do Sul | | 3.000 | 42.000 | 107.000 |
| Ásia | | 8.400 | 60.000 | 108.000 |
| África | | 1.800 | 20.000 | 44.000 |
| Oceania | 40 | 1.800 | 24.000 | 35.000 |

Fonte: Rioux, apud Cury, 2006. p.20.

6.1 PERDA DO DOMÍNIO COMERCIAL INGLÊS

Esse processo de expansão da Inglaterra por volta de 1880, começa também a se alterar, pois havia disputa de posições para com outros gigantes, intensificando a concorrência. Por volta de 1890 como afirma Cury (2006, p.27), percebe-se uma mudança da configuração comercial internacional proveniente da demanda de matérias primas e também de alimentos dos novos países industrializados da Europa, também dos Estados Unidos e Japão. Esses países importavam sobretudo: lã, borracha, estanho, algodão, peles, couros etc... Esses países se abasteciam de bens primários, e exportavam as manufaturas. Mesmo que mantivessem relações de exportações de manufaturas e importações de bens primários, os países industrializados apresentavam déficits comerciais, em especial com a Índia e com a Austrália. A configuração das relações comerciais à época dá noção do quanto que se expandia e se interligava o comércio mundial nas zonas dos países industrializados e suas colônias:

Os Estados Unidos, por sua vez, cobriam os déficits comerciais com a Europa continental, e a Índia e a Austrália, por meio de suas transações positivas com o Canadá e a Grã Bretanha. (...) A Grã Bretanha por sua vez tinha déficits com a Europa continental, os Estados Unidos e algumas áreas do próprio Império – África do Sul, Nova Zelândia e Canadá –, mas, obtinha superávits importantes com suas colônias da África Ocidental, com a Austrália e, em especial com a Índia. Maior tesouro do Império, a Índia mantinha um superávit comercial significativo em quase todas as transações, porém o transferia de modo praticamente integral para a Grã Bretanha, sobretudo, pela importação maciça

de tecidos de algodão do Lancashire. O excedente comercial britânico com a Índia chegara, em 1910, ao montante de 60 milhões de libras” (Cury, 2006. p.27).

As mudanças nas relações comerciais, com a intensificação da industrialização de outros países, fizeram com que a economia britânica em finais do século, dentro desse quadro; tivesse impactos crônicos no seu balanço de pagamentos, que era equilibrado por meio das contas financeiras: "Os invisíveis" que abrangiam desde fretes, juros de investimentos, dividendos e etc. Como a *City Londrina* era o coração financeiro à época e haja vista o alto percentual de investimentos financeiros no exterior, "em 1913 os investimentos britânicos no exterior respondiam por 47% do total. Cury (2006, p.27) ressalta mais a mudança de dinâmica no comércio e também na própria formatação econômica da Inglaterra.

Tabela 2. A composição do balanço de pagamento inglês, no decorrer do século XVIII ao XIX.

| Ano (média por quinquê nios) | Importaçõ -es líquidas a | Exportaçõ -es líquidas b | Balança de pagamento s c=a + b | Receita de serviços d | Receita de juros e dividendos e | Saldo em conta corrente t=c+d+e |
|--|-----------------------------------|-----------------------------------|---|-----------------------------|--|--|
| 1796- 1800 | 36,6 | 32,9 | -3,7 | | | |
| 1801- 1805 | 47,9 | 39,9 | -8,0 | | | |
| 1806- 1810 | 50,3 | 42,2 | -11,8 | | | |
| 1811- 1815 | 50,3 | 42,9 | -7,4 | | | |
| 1816- 1820 | 49,3 | 40,3 | -9,0 | 14,5 | 1,7 | 7,2 |
| 1821- 1825 | 45,4 | 37,3 | -8,1 | 14,2 | 4,2 | 10,3 |
| 1826- 1830 | 48,7 | 35,9 | -12,1 | 10,6 | 4,6 | 2,6 |

| | | | | | | |
|---------------|-------|-------|--------|-------|-------|-------|
| 1831- 1835 | 53,6 | 40,5 | -13,1 | 14,1 | 5,4 | 6,4 |
| 1836- 1840 | 73,8 | 49,8 | -24,0 | 18,6 | 8,0 | 2,6 |
| 1841- 1845 | 71,0 | 54,0 | -17,0 | 15,4 | 7,5 | 5,9 |
| 1846- 1850 | 87,7 | 60,9 | -26,9 | 22,0 | 9,5 | 4,7 |
| 1851- 1855 | 116,4 | 88,9 | -27,5 | 23,7 | 11,7 | 8,0 |
| 1856- 1860 | 158,0 | 124,2 | -33,8 | 43,5 | 16,5 | 26,2 |
| 1861- 1865 | 201,2 | 144,4 | -56,8 | 57,1 | 21,8 | 22,0 |
| 1866- 1870 | 246,0 | 187,8 | -58,2 | 67,9 | 30,8 | 40,5 |
| 1871- 1875 | 301,8 | 239,5 | -62,2 | 86,8 | 50,0 | 74,6 |
| 1876- 1880 | 325,9 | 201,4 | -124,5 | 93,0 | 56,3 | 24,9 |
| 1881- 1885 | 336,5 | 232,3 | -104,2 | 101,0 | 64,8 | 61,6 |
| 1886- 1890 | 327,4 | 236,3 | -91,1 | 94,6 | 84,2 | 87,6 |
| 1891- 1895 | 357,1 | 226,8 | -130,3 | 88,4 | 94,0 | 52,0 |
| 1896- 1900 | 413,3 | 252,7 | 160,6 | 100,7 | 100,2 | 40,3 |
| 1901- 1905 | 471,5 | 297,0 | -174,5 | 110,6 | 112,9 | 49,0 |
| 1906- 1910 | 539,6 | 397,5 | -142,1 | 136,5 | 151,4 | 145,8 |

| | | | | | | |
|---------------|-------|-------|--------|-------|-------|-------|
| 1911- 1913 | 623,2 | 488,8 | -134,4 | 152,6 | 187,9 | 206,1 |
|---------------|-------|-------|--------|-------|-------|-------|

Fonte: Mathias, apud CURY, 2006, p. 29

Com o demonstrativo da tabela acima, fica mais evidente que enquanto a Inglaterra mantinha déficits comerciais com o resto do mundo, e que mesmo o saldo comercial positivo com a Índia, tornava a Inglaterra deficitária em suas transações comerciais, o saldo positivo na conta financeira, por meio da entrada de capitais: fretes, seguros, juros de investimentos, dividendos... é que dava o equilíbrio e até mesmo, superávit em seu balanço de pagamentos.

6.2 PADRÃO-OURO CLÁSSICO: HEGEMONIA INGLESA POR MEIO DA LIBRA

Ainda não que não se possa marcar exatamente a data de seu nascimento – não existia em 1870 e era plenamente aceito em 1900 –, pode-se dizer que a Primeira Guerra Mundial estabeleceu claramente seu final, porque a restauração pós-bélica do sistema teve uma vida muito curta (Kenwood e Loughheed, s.d., p. 190. Apud. CURY, 2006, p. 32).

A hegemonia britânica deu sustentação ao uso da Libra como moeda fiduciária a nível internacional que emanava do centro financeiro da *City*, tinha uma estruturação convencionada de Padrão-Ouro Libra. O sistema monetário internacional era indexado à Libra Esterlina, o que dava um caráter autorregulado às transações financeiras. A moeda de referência sendo a Libra Esterlina; os países seguiam um valor indexado de suas moedas a uma quantidade correspondente em ouro, o que refletia equilíbrio no seu balanço de pagamentos.

Grosso modo: os países deficitários em suas comercializações externas, tinham a propensão a terem suas moedas desvalorizadas; o que refletia em ganhos comerciais e a entrada de ouro no país; o que com o tempo acarretava em pressões inflacionárias, pois o ouro em excesso teria que ter seu correspondente valorado por meio da expansão da base monetária; levando à perdas de competitividade externa; o que por sua vez, favorecia às importações que eram pagas em ouro, o que levava à saída deste metal do país; e o equilíbrio era reestabelecido. Esse princípio chamado de *Teoria Quantitativa da Moeda* era defendido por David Hume.

Segundo Belluzzo (1997, p.163) entanto, teóricos que foram mais a fundo nos estudos do regime cambial predominante à época afirmam que predominava a confiabilidade nas instituições para a manutenção do equilíbrio cambial. Sendo assim, o

que garantia o equilíbrio – que não era tão flexível como afirmam os livros-texto – era que este era um regime em que predominava, no âmbito interno, a moeda de crédito, cuja emissão, circulação e destruição, eram guiadas e impostas pelas regras e conversibilidade no “*standard*” internacional (...) o automatismo e a “naturalidade” do padrão-mercadoria e do *price-spice-flow mechanism*, que deveriam comandar os ajustamentos do balanço de pagamentos, eram, na verdade, um produto da crença dos mercados no firme comprometimento dos bancos centrais com a defesa das paridades.

Percebesse seguindo as afirmações de Belluzzo (1997, p.163), que a crença no cumprimento das regras e as expectativas e confiança nas instituições financeiras, eram o que mantinham a equalização paritária das moedas. Como se tentará mostrar ao longo deste trabalho, isso era essencial tanto para o Padrão Libra-Ouro, como também foi para o Sistema de Bretton Woods em 1971 de hegemonia norte-americana.

6.3 IMPERIALISMO EM FINAIS DO SÉCULO XIX: DESCENSO DO SEGUNDO KONDRATIEFF

Com a eclosão do conflito interestadado em finais do século 19, - o que apontasse como fase B do Segundo Konfratieff -, por meio de suas tendências imperialistas, teve como ponto culminante a Primeira Guerra Mundial¹⁰.

Em contraste com a Antiguidade, as cidades na Era Moderna ficaram sob o poder dos Estados nacionais concorrentes, numa situação de luta perpétua pelo poder, na paz e na guerra. Esta luta competitiva criou as mais amplas oportunidades para o moderno capitalismo ocidental. Os Estados, separadamente, tiveram que competir pelo capital circulante, que lhes ditou as condições mediante as quais poderiam auxiliá-los a ter poder. (...) Portanto, foi o Estado nacional bem delimitado que proporcionou ao capitalismo a sua oportunidade de desenvolvimento - e, enquanto o Estado nacional não ceder lugar a um império mundial, o capitalismo também persistirá. (Weber, apud. FIORI, 1995, p. 92).

¹⁰ Essa Guerra que atribuem à morte de Francisco Ferdinand – herdeiro do Império Austro-húngaro – na verdade é resultado da multiplicidade de tensões no Europa. Os blocos antagônicos: Tríplice Entente e Tríplice Aliança, entraram em atrito, após a morte do herdeiro ao trono – morto na Sérvia -, assim que a

A eclosão da Primeira Grande Guerra surge como subproduto de forma intrínseca às forças políticas destoantes em finais do século XIX na Europa em sua expansão imperialista¹¹.

Como afirma Hobsbawm (1995, p. 198) os países do Atlântico dominaram o resto do mundo com facilidade. Onde o domínio não se deu por vias diretas, os países do Ocidente estabeleceram sua superioridade ainda mais incontestemente com seu sistema econômico e social e sua organização e tecnologia.

Saes (2013, p. 294-5) afirma em termos numéricos a tendência colonialista europeia: É certo que algumas ações de anexação foram praticadas nesses anos: a Grã Bretanha, entre 1840 e 1870 promoveu a colonização de vários territórios como Nova Zelândia, Costa do Ouro, Hong Kong, Natal, Serra Leoa e Transvaal; a França ampliou seu território no século XIX (até 1870) com a anexação da Argélia, de partes do Senegal, da Indochina, da Nova Caledônia e do Taiti (...). Estados Unidos e Rússia também promoveram anexações territoriais, embora o tenham feito em áreas vizinhas ao território previamente ocupado (...). Na África a Grã Bretanha constituiu as colônias da União Sul-Africana, Rodésia (do Norte e do Sul), Bechuanalândia, Uganda, Quênia, Somália Britânica e Nigéria. A França, Portugal e Itália também detinham sua contraparte imperial. E um caso particular foi o do Congo, dominado por iniciativa de rei Leopoldo II.

Tabela 3. Impérios coloniais em 1914

| | Número de Colônias | Superfície (mil km ²) | Superfície (mil km ²) | População (milhares) | População (milhares) |
|-------------|--------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|----------------------|----------------------|
| | | Metrópoles | Colônias | Metrópoles | Colônias |
| Reino Unido | 55 | 310 | 30.091 | 46.053 | 391.583 |
| França | 29 | 532 | 10.550 | 30.602 | 62.350 |
| Alemanha | 10 | 536 | 3.158 | 64.926 | 13.075 |
| Bélgica | 1 | 28 | 2.335 | 7.571 | 15.000 |
| Portugal | 8 | 90 | 2.063 | 5.960 | 9,680 |

¹¹ Áustria declarou guerra à Sérvia, a Alemanha declarou apoio à Áustria, o que fez os blocos antagonísticos declararem guerra. Para melhor detalhamento e todo o encadeamento de causas, ver Saes (2013, p. 308)

| | | | | | |
|---------|---|-------|-------|--------|--------|
| Holanda | 8 | 33 | 1.957 | 6.102 | 37.410 |
| Itália | 4 | 285 | 1.516 | 32.239 | 1.396 |
| EUA | 6 | 7.766 | 323 | 98.781 | 10.021 |

Fonte: Frielander & Oser apud SAES (2013, p. 296)

Alguns Estados europeus à época do mercantilismo tinham uma tendência a serem expansionistas, mas a conotação após a segunda metade do século 18, o termo é tido como algo que não se deteve apenas em obtenção de insumos básicos, matérias-primas e expansionismo irrestrito. Havia a autoproclamação do Ocidente que dava interpretações favoráveis à expansão. Como por exemplo, levar o esclarecimento progressista da cultura europeia ao mundo "atrasado". Outra razão para "Imperialismo Social" onde criava o consentimento interno das massas descontentes de que o domínio do seu país sobre outro território (de pele escura), era no fim das contas uma força catalisadora de consensual que dava a "legitimidade" do Imperialismo Social. Considera que um aspecto importante da consecução da mentalidade de aceitação de hegemonia, é a credibilidade que o Estado passa aos cidadãos que pode ser apto a provar pode ser um poder hegemônico mundial. Então, a criação de uma incitação no inconsciente coletivo de que o Estado pode ser hegemônico, é um dos pontos centrais para criar uma adesão interna de dominação externa.

Muito mais relevante era a colonização prática de oferecer aos eleitores a glória, muito mais que reformas onerosas: e o que de mais glorioso que conquistas de territórios exóticos e raças de pele escura, sobretudo quando normalmente era barato dominá-los. De que forma mais geral, o imperialismo encorajou as massas, e, sobretudo, as potências descontentes, a se intensificaram ao Estado e à nação imperiais, outorgando assim, inconscientemente, ao sistema político o social representado por esse Estado justificação e legitimidade (Hobsbawm, 1998. apud. SAES, 2013, p.297).

Percepção parecida tem também com Arrighi (1995, p. 95) “O outro lado é a maximização do poder perante os cidadãos. Portanto, um estado pode tornar-se mundialmente hegemônico por estar apto a alegar, com credibilidade, que é a força-motriz de uma expansão geral de poder coletivo dos governantes perante os indivíduos” (Arrighi, 1995, p.30. apud. FIORI, 1997, p. 95).

Percebe-se assim o quanto a linha é tênue entre imperialismo e hegemonia, pois a concepção de Hobsbawm (1998) parece ir de encontro ao conceito de hegemonia do Estado ampliado da visão de Gramsci (1891-1937), e ao mesmo tempo, devido às tensões provenientes dos circuitos de poder na Europa, levaram ao imperialismo. A visão do *gramscismo* destoa com a de Gilpin (1981) também descrito acima dentro das diferentes

correntes que debatem sobre o conceito de hegemonia. “As grandes transformações na história mundial foram derivadas de guerras hegemônicas entre rivais políticos, cujo resultado é o reordenamento do sistema a partir de ideias e valores do Estado vencedor.” (Gilpin, 1981. p. 203. apud. GARCIA, 2010, p. 163-4).

Saes (2013, p. 294) lembra que amplitude da anexação de territórios posterior a 1880, pode ser indicada pelo fato de que, em 1914, 90% da área da África estavam ocupados sob a forma de colônias, o mesmo ocorrendo com 99% da área da Oceania e 56% da Ásia. Na Ásia que registava a presença fortificada da Grã Bretanha, principalmente por conta da sua colônia de maior interesse, que era a Índia. Os aspectos políticos de incorporação colonial, eram no plano geopolítico como status de potência mundial, além da incorporação de dominação via apropriação de insumos. Em fins do século XIX, a hegemonia inglesa já vinha sendo questionada:

Já não se tratava, como até então, de adquirir territórios no ultramar para a exploração econômica ou para a colonização, e sim de expansão e apropriação de territórios ultramarinos com a intenção de abandonar o status de colônia europeia e se converter em potência mundial, aproveitando as possibilidades econômicas, as vantagens estratégicas e, inclusive, o "material humano" das colônias para fortalecer a própria posição de domínio nacional. Em tudo isso, jogava um importante papel a convicção de que só as nações capazes de se transformarem em impérios se imporiam no futuro (Mommsen, 1971. p.11. apud. SAES, 2013. p.297).

A Primeira Guerra Mundial, que acabou sendo reflexo do ímpeto imperialista das grandes nações europeias, na busca de insumos, novos mercados, anexação territorial e redistribuição de poder; marca como a falta de um estabilizador global, ou seu questionamento, acirram as contradições latentes por poder. A Inglaterra que em fins do século 19, perdia espaço para outros países como Alemanha, Japão e também Estados Unidos, acabou por ser “questionada” como o portador de equilíbrio sistêmico. De forma, que a expansão imperialista e o ímpeto a querer se tornar potência mundial, era alimentado pelos países europeus que visavam rivalizar com a Grã-Bretanha.

6.4 IMPACTO DA PRIMEIRA GUERRA NAS PRINCIPAIS POTÊNCIAS

Os países que saíram do conflito da Primeira Guerra saíram com as finanças destruídas pelos altos gastos militares, que alterou todo o funcionamento do aparato produtivo. A Inglaterra teve seus gastos financiados pelo mecanismo de monetização da dívida, o que deu asas à inflação galopante. O mesmo não teria ocorrido se houvesse espaço para financiamento se pautasse por vias de tributação. O destroço que ficou o

sistema monetário internacional no pós-guerra devido aos altos déficits fiscais da Inglaterra, o questionamento da Libra e certo espaço questionado de hegemonia.

Tabela 4. Países selecionados: déficit público (1914-18)

| | 1914 | 1915 | 1916 | 1917 | 1918 |
|------------|------|------|------|------|------|
| Alemanha | 6,3 | 24,0 | 25,7 | 44,2 | 37,0 |
| França | 6,2 | 18,0 | 31,9 | 38,5 | 49,9 |
| Inglaterra | 330 | 1220 | 1630 | 1990 | 1690 |
| Rússia | 2,8 | 8,9 | 14,1 | - | - |
| EUA | - | - | - | 1,0 | 9,6 |

Fonte: Mazzuchelli (2009, p.62)

“A injeção líquida de poder de compra em economias com utilização plena da capacidade produtiva e desajustes pelo lado da oferta (*shortages*) redundou, inexoravelmente, na aceleração da inflação.” (Mazzuchelli, 2009. p. 62).

O PIB inglês segundo Mazzuchelli (2009, p.111) contraiu-se em cerca de 10% no período de 1921-22. A Inglaterra que volta ao padrão-ouro em termos datados, em 1925, retorna ao antigo padrão monetário, mas a custo de uma recessão e apreciação massiva da Libra em frente às outras moedas: marco e franco, o que levou à agravação da recessão e déficits comerciais, também potencializados pela retração do comércio internacional. “Passadas as tormentas de 1926, a Inglaterra não entrou em espiral contracionista, entre 1926 e 1930 o PIB e a produção industrial cresceram 12,6% e 18,5%, cifras expressivas” (Mazzuchelli, 2009, p.112). Isso em vias de eclosão da Segunda Guerra Mundial, na iminência da violência do conflito. O ciclo expansionista inglês se percebe que se dá em 1931, com o abandono do Padrão-Ouro e a desvalorização da Libra. Entre a volta ao padrão anterior de \$ 4,86, e o seu abandono, o Balanço de Pagamento Inglês era frágil.

A Inglaterra nos anos que sucederam o conflito da Primeira Guerra Mundial, teve dificuldades no seu arranjo fiscal, monetário e tendo repercussões no próprio arranjo do Padrão-Ouro Clássico. Tentar-se-á descrever o panorama geral desse período, na abordagem da Grande Depressão de 1929, onde mesmo com a ajuda via redução dos juros FED tentando explorar as taxas diferenciais de juros entre os EUA e a Inglaterra, no intuito de reestabelecer a configuração monetária que precedeu a Primeira Guerra Mundial, não surtiu os efeitos desejados.

Tabela 5. Inglaterra: balanço de pagamentos (1925-31)

| | 1925 | 1926 | 1927 | 1928 | 1929 | 1930 | 1931 |
|----------------------|------|------|------|------|------|------|------|
| (1)Saldo.comercial | -394 | -463 | -386 | -351 | -382 | -387 | -406 |
| (2)Invisíveis | 438 | 449 | 467 | 475 | 484 | 414 | 304 |
| (3)Conta Corrente | 44 | -14 | 81 | 124 | 102 | 27 | -102 |
| (4)Conta.de.Capitais | -88 | -85 | -105 | -108 | -47 | -19 | 1 |
| (5)Total | -44 | -99 | -24 | 16 | 55 | 8 | -101 |

Fonte: Moggridge, apud. MAZZUCHELLI, 2009, p. 118

A Inglaterra respondeu por vias de endogenização ao quadro político-econômico no pós-guerra nos anos 1930. A Inglaterra teve que apreciar a Libra ao voltar ao padrão-ouro na tentativa de restabelecer o antigo padrão monetário internacional, e como a configuração internacional e sua fragilidade em seu Balanço de Pagamentos impuseram, acabou por desvalorizar a sua moeda e abandonar o padrão-ouro em 1931. Mazzuchelli (2009, p.128) considera que a recuperação se deu por meio do mercado interno.

As novas indústrias e a construção civil não apenas geraram demandas recíprocas como também produziram fortes efeitos encadeadores (backward and forward linkages) sobre o resto da economia, incluindo indústrias tradicionais como o ferro, o aço, equipamentos mecânicos, metais e alguns ramos têxteis (...). O padrão estrutural da recuperação britânica nos anos 1930 pode ser resumido da seguinte forma. Em primeiro lugar, a recuperação foi doméstica, desencadeada pela força de setores estratégicos, como a construção civil e as novas indústrias. Seu crescimento se transmitiu rapidamente para outros setores da economia, de maneira que a recuperação logo se tornou abrangente. Quando a construção civil começou a infletir em meados da década, a expansão dos demais setores foi suficientemente forte para sustentar a recuperação, até que o rearmamento desse ímpeto definitivo sobre as indústrias tradicionais (Mazzuchelli, 2009. p. 128).

Na eclosão do conflito que abarca o Terceiro Kondratieff, - 1900-1920 - na fase de ascensão, há a interrupção por meio da eclosão da Primeira Guerra Mundial, de 1914-18. Mas como mostra Hobsbawm (1995, p.90-4) o comércio internacional dava a acreditar que os anos de terror do pós-guerra tinham passado, e a economia mundial voltava à normalidade. Isso logo também foi alterado devido aos traumas da Primeira Guerra, - como ele considera que houve apenas uma Grande Guerra – parecerem ser a antessala da Grande Depressão de 1929. O comércio se retraiu e a maior economia do mundo, entrou em colapso. Um dos fatores levado em consideração pelo autor foi que justamente a maior economia do mundo, a dos EUA passou a ser praticamente autossuficiente no entreguerras, excetuando uma pequena parte de matérias-primas. De forma sistêmica, as potências centrais estavam em conflito, na busca de equalização de

poder político e econômico: em busca de novos insumos, melhoramentos em suas técnicas de produção, e abertura de mercado.

7 DESENVOLVIMENTO NORTE-AMERICANO

Os EUA em fins do século XIX apresentavam um dinamismo econômico sustentado, alçado em seu amplo mercado interno que foi alcançado pelo desenvolvimento das ferrovias; telégrafos e métodos organizacionais que levaram à *grande empresa* norte-americana a se consolidar como motores do crescimento e desenvolvimento. Associado a fatores técnicos, não se pode deixar de mencionar, a vastidão de seu território; os recursos naturais, o fluxo migratório e a mão de obra de diferentes especializações são aspectos fundantes para da consolidação de sua hegemonia. Chomsky (2006, p.34) lembra que como foi no caso inglês, os Estados Unidos também usaram de protecionismo visando fomentar a indústria nascente do setor têxtil na região de a Nova Inglaterra, até que se obtivesse ganhos de economia de escala. Como ele afirma:

A Nova Inglaterra¹², ao contrário, seguiu o caminho da pátria-mãe, barrando têxteis britânicos mais baratos por meio de elevadas taxações, tal como a Inglaterra havia feito com a Índia. Sem essas medidas, metade da emergente indústria têxtil da Nova Inglaterra teria sido destruída, segundo estimam historiadores econômicos, com amplas repercussões sobre o crescimento industrial norte-americano em geral (Chomsky, 2006, p. 34).

Desde a caracterização de sua colonização que os Estados Unidos aparentavam serem dois países distintos: o sul escravista, extrativista e primário-exportador; era pela própria dinâmica de acomodação dos fatores de produção fundamentada na plantation: latifúndio, escravismo. Silva (2013, p.3-4) afirma que a região sulista produzia três produtos básicos: arroz, tabaco e anil, e que tais produtos, o sul visava exportar para a Inglaterra, já que tal produção não concorria com a Metrópole e tinha demanda real ou potencial na Europa. Assim segundo o mesmo autor em 1860, ficou ainda mais evidente a produção de algodão representava mais da metade das exportações dos Estados Unidos:

Entre 1815 a 1860, o comércio do algodão exerceu uma influência decisiva na taxa de crescimento da economia americana. Até cerca de 1830, foi a causa mais importante do desenvolvimento da indústria nesse país. Embora o aspecto doméstico continuasse a ser significativo, as exportações de algodão tornaram-se uma característica dominante nesta época. Por volta de 1849, sessenta e quatro por cento da colheita do algodão ia para o estrangeiro, principalmente para Inglaterra. Desde 1840 até os tempos da Guerra Civil, a Grã-Bretanha absorveu dos estados do sul quatro quintos de todas suas exportações de algodão (Moore Jr, 1967. p. 146. apud. SILVA, 2013 p.4).

¹² A região, chamada de Nova Inglaterra, engloba seis estados: Maine, Vermont, New Hampshire, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut.

Já o Norte, era industrializado e à base de relações salariais, e de pequenas propriedades.

A economia das colônias do Norte era baseada na plantação de gêneros de subsistência (que também geravam excedentes comerciáveis) como o trigo, a aveia, o milho, bem como na criação de gado, porcos e ovelhas. À produção do campo juntava-se a pesca como importante atividade, bem como a indústria naval, beneficiada pela grande quantidade de madeira propícia disponível. O desenvolvimento das cidades fez com que tanto as manufaturas quanto o comércio prosperassem, apesar das proibições e restrições impostas a uma e outra atividade. O comércio de peles, valiosas no mercado europeu, também compunha o quadro econômico da região (Junqueira, 2009. p.18. apud. SILVA, 2013 p.4).

Silva (2013, p. 4) ainda considera que o algodão, fomentado no trabalho escravo, tinha uma dinâmica diferente do Norte. Esta região diferente do Sul, tinha condições climáticas idênticas às da Europa, o que inviabilizava fomentar a produção visando as exportações como o Sul. O Norte também por sua vez era contrário à escravidão, mesmo ainda intercambiando com o Sul e se beneficiando do algodão colhido nesta região – pois acreditava ser a ausência de relações salariais condição de travamentos do mercado.

As estruturas fabris que se desenvolveram no Norte, eram resultado da acumulação de alguns capitalistas à época da colonização. Isso posto, a dinâmica se dava então de forma complementar, mas não isenta de contradições: o Sul escravista exportava à Europa parte da produção e também auxiliava à dinâmica industrialista do Norte. Porém, tal dinâmica acabaria por levar à Guerra da Secessão (1861-1865). Silva (2013, p.4) ainda afirma que o Oeste era composto de pecuaristas e agricultores, que surgiram de migrações do Sul, a princípio, a produção era escoada de volta ao Sul, mas graças as expansões das ferrovias, foi possível comerciar com o Oeste.¹³

A partir dos antagonismos internos, os Estados Unidos acabaram por terem a Guerra da Secessão (1861-1865) como ponto culminante. O Sul escravista e menos populoso, conflitava com o Norte abolicionista e industrializado. E o Sul ainda que quisesse expandir seu território para o Oeste e ocupar áreas ainda sem domínio, era contrabalanceado pelo Norte. O equilíbrio de forças era instável, e contornado pela

¹³ Noam Chomsky (2017) nesse aspecto, mostra como a ocupação do Oeste se deu às custas de tendências deletérias e talvez pouco usualmente abordadas. O Oeste teria sido alvo de tentativas de ser incorporado, à base de extermínio indígena. ‘‘ a extirpação total de todos os indígenas nas regiões mais populosas da União por meios ‘mais destrutivos para os nativos que a conduta dos conquistadores do México e Peru (...) a conquista e a colonização do Oeste demonstraram de fato ‘individualismo e iniciativa’; empreendimentos em que há colônias de povoamento, a mais cruel forma de imperialismo, comumente utilizada. Os resultados foram saudados pelo respeitado e influente senador Henry Cabot Lodge em 1898. Noam Chomsky (2017. p. 48)

distribuição de cadeiras no Senado. Com a incorporação da Califórnia como membro do parlamento não adepto à escravatura, houve o estopim para a eclosão da Guerra Civil.

Após vários debates no Congresso, surge um novo acordo, que ficou conhecido como “Compromisso de 1850”,

A Califórnia seria aceita com um estado não-escravista, fazendo pender, portanto, a maioria do Senado a favor da abolição. Nos demais territórios conquistados ao México – Utah e Novo México –, a entrada na União ficou assegurada “com ou sem escravidão”, uma declaração um tanto vaga, mas assinalava a vitória do princípio da vontade popular nessas decisões, ideia longamente defendida pelos sulistas. (Magnoli, 2006, p.231, apud. SILVA, 2013, p. 5).

O estopim foi a eleição de Abraham Lincoln em 1860, que sendo abolicionista, representaria uma ameaça aos Estados escravistas como se o a configuração de forças era instável, os Estados escravistas acabaram por criar os Estados Confederados da América, composto pela Carolina do Sul, seguida por outros Estados. Silva (2013) afirma:

Estados algodoeiros, como a Geórgia, o Alabama, a Flórida, o Mississippi, a Louisiana e o Texas acabaram aderindo à Carolina do Sul. Dessa forma, em 8 de fevereiro de 1861, era criada oficialmente nova nação: Estados Confederados da América. A partir da separação desses Estados, iniciou-se a Guerra da Secessão que perdurou até 1865 (Silva, 2013, p. 9).

A guerra Civil durou cerca de quatro anos, terminada em 1865. Depois de unificado, os Estados agora integrados por linhas férreas, puseram em marcha a dinâmica interna de desenvolvimento, que faria o país rivalizar com as grandes potências europeias à época. O amplo território norte-americano, o grande afluxo de capitais externos levou ao aumento das receitas públicas, o que permitia a continuidade de sua expansão. O afluxo de capital estrangeiro conjugado com as inovações tecnológicas na agricultura, que favorecia às exportações de bens primários, trazia mais divisas ao país o que permitia a importação de mais bens de capital; para fomentar a industrialização. Mercado de dinâmica endógena, tendo como meio de transporte prioritariamente ferroviário. Antes das ferrovias, o transporte era em sua esmagadora usualidade por meios fluviais, o que tornava inapropriado em territórios áridos. "Assim, em 1808, o Governo resolveu participar diretamente da implantação do sistema de transporte do país." (Sousa, 2008. p. 38).

Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, os EUA já haviam se consolidado como potência rival à Inglaterra, assim como o Japão e Alemanha; Chandler (2006) destaca oito pontos que para ele foram fundamentais para o que para ele mudou a mão invisível do

mercado para os métodos gerenciais administrativos da *grande empresa* nos Estados Unidos.

7.1 AS FERROVIAS

Ao término da Guerra Civil a expansão das ferrovias foi retomada, e com esse sistema de transporte a economia norte-americana se desenvolveu de forma espetacular.

A ferrovia (e com ela o telégrafo) incorporou as vastas regiões do espaço continental norte-americano aos mercados local e internacional, permitiu a mobilidade da força de trabalho, reduziu os custos do transporte, exerceu impactos dinâmicos notórios sobre as indústrias metal-mecânica, mineral (carvão) e de construção civil, inaugurou novas modalidades de gestão empresarial, impôs a mobilização de somas gigantescas de capital e construiu as bases para o nascimento do *modern capitalism*. (Mazzucjelli, 2009, p. 180. apud. SILVA, 2013. p.10).

Chandler (1994, apud. CURY, 2006, p.98-9) elenca ainda oito pontos que se fizeram dinamizar e integralizar a economia norte-americana à época:

- 1) o sentido em substituir a firma tradicional pela multidivisional foi decorrente das condições favoráveis para o aumento da produtividade, a diminuição de custos e a realização de lucros ainda maiores (coordenação administrativa x coordenação de mercado);
- 2) as vantagens provenientes dessa interiorização, em uma mesma firma, das atividades de diversas unidades de negócios puderam apenas ser aproveitadas após a criação de uma hierarquia administrativa apropriada;
- 3) a corporação – norte-americana – moderna só apareceu na História quando o volume das atividades econômicas alcançou um nível tal que tornou a coordenação administrativa mais eficiente, e mais rentável do que a coordenação realizada mediante as forças de mercado;
- 4) uma vez que a hierarquia administrativa das corporações modernas em suas funções de coordenação, ela mesma tornou-se fonte de seu próprio crescimento, assim como de seu poder de continuação;
- 5) as carreiras dos administradores assalariados, que dirigiam as hierarquias internas, tornaram-se cada vez mais técnicas e profissionais; no mesmo sentido, os processos de seleção e de treinamento de pessoal especializado para cargos e funções de nível gerencial passavam cada vez mais pela qualificação e pelo desempenho profissional dos candidatos;
- 6) o crescimento das corporações modernas e a profissionalização de seus dirigentes levaram à separação entre propriedade e controle (do capital);
- 7) ao tornar as principais decisões administrativas, os executivos de carreira tenderam a preferir políticas que garantissem o crescimento e a estabilidade no longo prazo, em lugar de lucros maiores no plano imediato;
- 8) à medida que as grandes corporações cresceram e passaram a

dominar os principais setores da economia, acabaram por transformar a estrutura básica daqueles setores e da própria economia como um todo.

Tais afirmativas são de Chandler (1994, apud. CURY, 2006, p. 99), onde ao longo de seu estudo, afirma que o que predominou nos Estados Unidos, foi a administração gerencial da grande firma: um capitalismo administrado, em detrimento do livre mercado. As ferrovias deram maiores ganhos em termos de transporte de mercadorias e pessoas de Leste a Oeste. Com a redução do custo em termos unitários de transporte que permitiram a exploração do seu vasto mercado interno, ao mesmo tempo em que as normas administrativas das ferrovias se profissionalizavam, começou a haver a separação de gestão e propriedade. E conclui que enquanto as linhas férreas eram pequenas e ofereciam poucos riscos, como nas décadas de 1830 e 1840, essas mudanças administrativas foram adiadas. Mas a partir de 1850 em diante, foram construídas mais de 20 mil milhas de estradas de ferro em todo o território norte-americano. As normatizações administrativas foram também absorvidas pelas grandes firmas, dada as altas barreiras à entrada por conta dos altos custos fixos, funcionaram como determinantes à formação de grandes grupos de firmas de capital aberto. Esse grande *boom* das ferrovias a partir de 1850, exigia grandes somas de capitais e isso funcionava como impeditivo procedimental. Houve também o surgimento dos bancos de investimentos visando fazer a mediação entre os capitais requeridos para investir. Houve um maior fluxo de transações no centro financeiro norte-americano, localizado em Nova York, com negociações de *securities* (títulos de dívidas, ações).

(...) Pelo começo da Guerra Civil (1861-1865), o distrito financeiro de Nova York, ao responder às necessidades de financiamento do setor ferroviário, já tinha se transformado num dos maiores e mais sofisticados mercados de capitais do mundo. (Chandler, 1994, Apud. CURY 2006, p. 103).

Como foi dito anteriormente, os altos custos fixos requeriam altas somas de capitais, o que tornava impossível para algumas poucas pessoas disporem sem a necessidade de recorrer ao mercado de capitais, este mercado que por sua vez, já se apresentava como estrutura bem arranjada. Outro aspecto que deve ser levado em conta, é que os altos custos fixos funcionavam como barreiras à entrada de novos concorrentes, o que levava à formação de grupos oligopolizados. Diante da característica desse tipo de estrutura de mercado, as companhias iriam concorrer em termos de preço, na taxonomia microeconômica: usariam os termos competitivos de Bertrand, ou concorreriam em

termos de quantidades: conceito de oligopólio de Cournot¹⁴, e daí se formariam os preços. As firmas preferiram ajustamentos via concorrência em preços. Segundo (Chandler 1994, apud. CURY, 2006) as firmas escolheram os acordos em preços, o que levou a criação de cartéis. O fim de tais acordos chegou ao fim com a promulgação da Lei Antitruste de 1890.

Dado a importância da expansão da malha ferroviária, esta conseguiu ligar o país de dimensões continentais explorando seu mercado interno, à medida que também iam incorporando métodos mais eficientes de administração para aquilo que Chandler (1994, apud. CURY, 2006. p.125) chama a atenção à distribuição de produtos em massa pelo amplo mercado consumidor interno norte-americano, as empresas de bens de consumo duráveis e não-duráveis passaram a verticalizar para a frente; no atendimento ao consumidor na prestação de serviço técnico, e também uma estratégia de verticalização para trás na objetivação de controle também sobre as matérias-primas. Algumas outras preferiram a integração horizontal, na medida em que iam fundindo-se com outras dando corpo aos oligopólios. Para Chandler (1994. apud. CURY. p. 125) as empresas que optaram por essa estratégia eram as que trabalhavam com produtos homogêneos, que diante da impossibilidade de diferenciação as colocava em frente às concorrentes por meio dos preços. Essa dinâmica interna foi algo potencializado pelos transportes e dos meios comunicativos como o uso do telégrafo.

7.2 SISTEMA BANCÁRIO NORTE-AMERICANO

Os Estados Unidos à época da Guerra Civil, ainda não dispunham de uma legislação bancária consolidada, o que levou à criação de estruturas e normas visando aperfeiçoar o seu sistema bancário. Como afirma Silva (2013, p. 11), devido à lacuna bancária constatada na intermediação para dispor dos custos da Guerra Civil, e por falta de formalização para a emissão de títulos e também para regularizar a emissão de moeda, foi criada em 1864 a Lei Bancária (*National Bank Act*) para formatar as transações financeiras e lastreá-las a uma medida de referência. Em de 1875, a pulverização interbancária nos Estados Unidos ainda é representativa: (...) “em 1875, os bancos

¹⁴ Esses termos em microeconomia se referem aos diferentes tipos de interpretação em como se dão os modelos concorrencias em duopólio, mas também há validade para os oligopólios, Bertrand considera as empresas envolvidas produzem e colocam à disposição no mercado e os consumidores decidiriam o quanto iriam comprar. Já no modelo de Cournot, as empresas produzem e colocam no mercado, sendo que seria a partir daí será determinado o preço.

estaduais superavam os estabelecimentos nacionais, sendo que em 1914 existiam 17.498 bancos estaduais contra 7.518 bancos nacionais.” (Silva, 2013. p. 11). Em 1913, foi criado o Sistema de Reserva Federal (*Federal Reserve System*, ou simplesmente: Reserve System, ou o FED) onde os Estados Unidos foram divididos em 12 distritos, onde cada distrito teria sua subjugação ao FED, tendo em cada distrito, um *Federal Reserve*.

A Lei da Reserva Federal tornou compulsória a participação dos bancos nacionais no sistema. Os bancos estaduais, desde que satisfizessem os requisitos federais, podiam tornar-se membros. Ao associar-se ao sistema, o banco comercial tinha de comprar ações do capital social do Banco Federal de Reserva do distrito até o montante de três por cento de sua combinação de capital e excedente. (Robertson, apud. SILVA 2013. p. 11).

A partir de 1900, os Estados Unidos entram no padrão-ouro *clássico*. Agora também com seu sistema bancário definido.

7.3 A INDÚSTRIA NORTE-AMERICANA

Os norte-americanos após a Guerra Civil, e com seu sistema financeiro nacional regularizado; mostram sua forte inclinação à indústria. Alguns números desse período, deixam sobressaltar a envergadura e densidade de sua indústria.

Nos meados da década de 90 (década de 90, do século 19. **Grifo meu**) os Estados Unidos tornaram-se a principal potência industrial entre as nações, e em 1910 suas fábricas despejaram no mercado uma quantidade de artigos cujo valor era quase duas vezes superior ao de sua rival mais próxima, a Alemanha. Em 1913 os Estados Unidos responderam por mais de um terço da produção industrial do mundo (Robertson, 1967. p. 403. apud. SILVA 2013, p. 14).

Chandler (2006, p. 95) também traz uma síntese panorâmica da economia norte-americana:

Ainda em no final do século XIX, as indústrias da Segunda Revolução Industrial começaram a se tornar mais destacadas: aço, borracha, maquinaria elétrica e produtos de consumo empacotados. Finalmente, por volta de 1950, a Segunda Revolução Industrial começou a dar lugar à Terceira, com sua ênfase na tecnologia de computação, nos sistemas de informação e na economia de serviços (McCraw, 1999, p. 322. apud. CHANDLER, 2006, pag. 95).

Assim, de forma conflitiva ainda com seu poder imanente, os Estados Unidos ainda mantinham certa relutância na esfera internacional, no que concerne a geopolítica. À época referenciada, a Inglaterra ainda era hegemonia, embora seu poder fosse mais presente na esfera financeira. Devido também às expansões imperialistas europeias em fins daquele século. Os Estados Unidos assim se situavam nas questões domésticas.

Alguns dados gerais dão a magnitude do crescimento da economia norte-americana entre 1899 e 1927.

Tabela 6. Crescimento setorial dos Estados Unidos em fins do século XIX e começo do século XX.

| | |
|---|------|
| Produtos químicos, etc. | 239% |
| Couro e artefatos | 321 |
| Têxteis e derivados. | 499 |
| Produtos alimentares. | 551 |
| Maquinaria. | 562 |
| Papel e gráfica. | 614 |
| Aço e artefatos. | 780 |
| Materiais de transporte e bens de capital | 969 |

Fonte: Hunt & Sherman (1977, p. 164)

7.4 A GRANDE DEPRESSÃO NORTE-AMERICANA NO PÓS-PRIMEIRA GERRA

Com o conflito interestatal em fins do século 19, levou à eclosão da Primeira Guerra Mundial. “(...) o desenvolvimento do capitalismo empurrou o mundo inevitavelmente em direção a uma rivalidade entre os Estados, à expansão imperialista, ao conflito e à guerra” (Hobsbawm, apud. SAES, 2013. p. 310). A intensificação ao conflito era algo prognosticado como algo a ser potencial. Em cerca de 1894, Max Weber indicava algo a ser avaliado:

Apenas a falta de visão política e otimismo ingênuo podem impedir que se reconheça que as inevitáveis tendências expansionistas político-comerciais dos povos civilizados burgueses conduzam de novo, após um período de competição aparentemente pacífica, à encruzilhada em que só a força decidirá o grau de participação de cada nação no domínio da terra e com isso o raio de ação de sua população, especialmente do potencial ganho de sua classe trabalhadora. (Mommsen, 1971, p. 33. apud. SAES, 2013. p. 307).

Como foi dito anteriormente, a morte de Francisco Ferdinand – sucessor direto ao trono do império Austro-húngaro – foi morto na Sérvia, por conta dos dois blocos – a Tríplice Entente e Tríplice Aliança – que eram antagônicos e entraram em conflito logo após a Áustria invadir a Servia, e potencializado após a Alemanha decretar apoio à Áustria; o que levou à eclosão do conflito.

7.5 DESCONTINUIDADES ESTRUTURAIS NO PÓS-GERRA

A economia mundial no contexto pós-Primeira Guerra, passou por mudanças estruturais na sua dinâmica: fim dos impérios Austro-húngaro, dissolução da hegemonia inglesa, fim do padrão-ouro clássico e ascensão da economia norte-americana; todos esses efeitos que se interligam de uma maneira complexa e poderiam estar marcando o fim de uma era. E de fato, a dinâmica da economia capitalista entrou em uma crise de grandes proporções; parecia que o fim "apocalíptico" analisado por Marx estava em vias de concretizar-se. No dia 24 de outubro de 1929, como conhecido: "*a Quinta Feira Negra*", marcou para sempre a percepção, do liberalismo econômico. Neste dia, a maior economia do mundo: a norte-americana entrou em uma espiral de descenso de preços de seus ativos negociados na bolsa, o que levou toda a economia mundial ao caos e a perguntar-se o que acontecia. As explicações para a Grande Depressão são várias: desde as instabilidades na Europa no pós-Primeira Guerra, que causaram instabilidades no sistema monetário internacional com a fragmentação do padrão libra-ouro, à fraca demanda efetiva no mercado interno norte-americano e seu isolacionismo internacional, e sua praticamente autossuficiência de produtos importados e, a teorias monetárias.

Reportando-se ao início da década de 1920, percebe-se algumas oscilações nas duas principais potências: Inglaterra e Estados Unidos. Já no início da década de 1920, os EUA tanto quanto a Grã-Bretanha passaram por fortes deflações que as atingiram diretamente. Para ser mais específico: foram inflações seguidas de deflação. Esse surto da espiral ascendente dos preços foi mais sentido nos EUA e Grã-Bretanha, e Japão. "O caso dos Estados Unidos é particularmente expressivo: de maio de 1919 a janeiro de 1920, a atividade industrial cresceu 19%" (Arthmar, 1997, p.93) uma das explicações pode ter sido que se criou uma demanda reprimida de forte impacto nesses países, por conta da mudança no aparato produtivo, causada pela economia de guerra; depois da saturação do mercado, os preços recuaram.

Tabela 7. Índices de preços ao consumidor (1914-1920)

| | 1914 | 1918 | 1920 |
|----------|------|-------|-------|
| Alemanha | 100 | 304 | 990 |
| Áustria | 100 | 1.163 | 5.115 |
| Itália | 100 | 289 | 467 |

| | | | |
|----------------|-----|-----|-----|
| França | 100 | 213 | 371 |
| Suécia | 100 | 219 | 269 |
| Holanda | 100 | 162 | 194 |
| Grã- Bretanha | 100 | 200 | 248 |
| Estados Unidos | 100 | 203 | 249 |

Fontes: Feinstein, Temin & Tiniolo. Para os Estados Unidos: Arthmar, apud. SAES (2013, p. 326)

O surto inicial deu lugar por volta de 1921, à deflação de preços. Os preços no atacado nos EUA segundo Saes (2013, p. 326) caíram do nível de 254, em maio de 1920, para 143 em 1921, o que resultou em uma queda de 43%, a produção industrial que no pico atingiu o índice 90, em junho de 1920, caiu para 64, em 1921. Redução de 29%. O impacto no desemprego foi ainda mais sentido. "O desemprego, de cerca de 950 mil trabalhadores, em 1919, ascendeu a 5 milhões, em 1921 (Arthmar, 1997, p. 103 apud. SAES, 2013, p. 326).

O conflito da Primeira Guerra Mundial ocasionou problemas aos países beligerantes, porém os afetou de formas diferentes. Os que se envolveram diretamente ou os que tiveram maiores destruições durante o conflito tiveram mais dificuldades. Os casos mais dramáticos foram da Hungria, Áustria e Alemanha¹⁵; que passaram por hiperinflações "em níveis inéditos da história da economia mundial" (Feinstein, Temin & Toniolo, 1997, p. 39, apud. SAES, 2013, p. 327).

Os EUA participaram do conflito, mas seu território não foi devastado pela guerra. Conjugado a isso, seu isolacionismo era em certa medida tendente a atender as demandas internas. O gigantismo de sua economia e importância geoeconômica ficaram mais evidentes depois do *crash* de sua bolsa de valores. O período da Grande Depressão se

¹⁵ Um dos subprodutos da Primeira Guerra foi o advento do nazismo alemão, – em 1923 o país sofre com a hiperinflação. Em 1933, sob comando de Hitler, que consegue chegar ao poder – que por conta de impor ao país os custos (impagáveis) da Guerra do Tratado de Versalhes em 1919, o fez com o objetivo de solapar qualquer desenvolvimento autônomo da Alemanha. França e Inglaterra, esperavam o pagamento das reparações de guerra, para com isso pagar os empréstimos tomados juntos aos Estados Unidos. “Em 1921, a soma foi fixada em 132 bilhões de marco ouro, ou seja, 33 bilhões de dólares, o que mundo sabia ser uma fantasia.” (...) Um “Plano Dawes” em 1924, na verdade fixou uma soma para a Alemanha pagar anualmente; um “Plano Young”, em 1929, modificou o esquema de pagamento e, incidentalmente, estabeleceu o Banco de Acordos Internacionais em Basileia (Suíça).” (Hobsbawm, 1995. p. 102-3). Os bancos centrais ingleses e norte-americanos e muitas empresas lucraram, ao financiaram o nacionalismo alemão. Disponível em: <<https://www.jornalapatria.com/post/hitler-foi-financiado-pelos-bancos-centrais-dos-eua-e-da-inglaterra?fbclid=IwAR0xi45mjeKRAwIMFjyk8Q43nQkIuyy45GD12hi-0tOKagi1DQnh8AmoE>>. Acesso em: 15-11-2019.

encontra no descenso do Terceiro Kondratieff, período marcado pelo que Hobsbawm (1995, p. 91-2) chama a atenção, segundo ele:

No início da década de 1920, um economista russo N. D. Kondratieff, que mais tarde seria uma das vítimas de Stalin, discerniu um padrão de desenvolvimento econômico a partir de fins do século XVIII, através de uma série de "ondas longas" de cinquenta a sessenta anos, embora nem ele nem ninguém mais conseguisse dar uma explicação satisfatória para esses movimentos, e estatísticos e céticos até mesmo negassem sua existência. Desde então, elas tornaram-se universalmente conhecidas na literatura especializada sob o nome de Kondratieff, que por sinal, concluiu na época que a longa onda da economia mundial estava para terminar. Tinha razão. (Hobsbawm, 1995, p. 91-2).

No panorama geoeconômico pós-Primeira Guerra marcava-se por mais instabilidades, pois não havia o equilíbrio monetário internacional alçado no padrão-ouro libra: havia certa descontinuidade das relações cambiais, comerciais e de referência como grande potência hegemônica. Porém foram os EUA que de tentaram estabilizar o antigo padrão monetário mundial: na baixa de juros domésticas favorecendo a Inglaterra e na ajuda das reparações à Alemanha. Segundo Saes (2013, p. 342) somente em 1924 o cenário começou a se mostrar menos instável para o governo britânico, o que era imperativo, pois o ano de 1925 fora estabelecido como o limite para o retorno ao padrão-ouro por lei aprovada no Parlamento Britânico. A Inglaterra que havia abandonado o padrão libra-ouro em 1919, fez sua volta ao antigo regime cambial em 1925.

Por determinação de Benjamin Strong que era presidente do Federal Reserve norte-americano em 1927, segundo Saes (2013, p. 342), foram baixadas as taxas de redesconto nos Estados Unidos. O capital, em busca de rendimentos mais elevados fluiu para Londres, valorizando a libra, que voltou à paridade com o ouro pelo preço anterior à guerra (de 3 libras, 17 xelins e 9 pence por onça de ouro com teor de pureza 0,999). O padrão foi restabelecido às custas de uma valorização da libra, o que repercutiu em perdas de competitividade agravando o desemprego (Eichengreen, 2000, p.90-92).

A Inglaterra que já vinha perdendo competitividade e mercado para outros países como EUA, Japão e Alemanha desde antes da eclosão do conflito, teve como o meio de tentar voltar à hegemonia por meio da tentativa de trazer a libra de volta a ser a moeda de lastro referencial. As tentativas de voltar ao antigo padrão monetário anterior à Primeira Guerra, esbarraram em problemas macroeconômicos enfrentados pelos países após o conflito. Belluzzo (1997, p.166) afirma que "A sobrevalorização" da libra e a "subvalorização" das outras moedas, principalmente o franco, causaram, ao longo do tempo, o aprofundamento dos desequilíbrios do balanço de pagamentos e pressões

continuadas sobre a moeda inglesa. As expectativas dos mercados quanto à sustentação da paridade eram pessimistas e os ajustamentos entre os países superavitários e deficitários não ocorriam (...) os déficits e os superávits tinham a se tornar crônicos, em boa medida porque os países superavitários tratavam de trocar seus haveres em "moeda forte" por ouro.

Os Estados Unidos e a França e a Alemanha acabaram por concentrar uma fração substancial das reservas de ouro, contribuindo para confirmar as expectativas negativas quanto ao futuro da libra. A Inglaterra que voltou ao padrão-ouro em 1925, o abandonou em 1931, o que dava mostras de sua perda de status de potência hegemônica, e deixava o mundo sem uma hegemonia instituída no sentido de aceitação consensual de seu poder. Fiori (1997, p. 93) também considera que a crise sistêmica pode ter sido causada por falta de um *hegemon* a referenciar a estabilidade da economia mundial.

Seguindo esta mesma pista, Robert Gilpin (1972 e 1974) e Charles Kindleberger (1973) - ao analisarem a crise dos anos 30 - concluiriam, de forma idêntica, que a Grande Depressão foi produzida pela ausência de uma liderança mundial depois da retirada inglesa'. "Foi quando Kindleberger, generalizando o caso, postulou pela primeira vez que a economia mundial seja estabilizada, deve haver um estabilizador e um só país estabilizador" (Kindleberger, 1973 p. 304. apud. FIORI, 1997, p. 93).

A nova potência que emergiu do conflito fortalecida, foi o Estados Unidos. E seu comportamento é essencial para tentar entender a profundidade das instabilidades na economia mundial no entreguerras.

Em 1913, os EUA já haviam se tornado a maior economia do mundo, produzindo mais de um terço de sua produção industrial - pouco abaixo do total combinado de Alemanha, Grã Bretanha e França. Em 1929, respondiam por mais de 42% da produção mundial total, comparados com apenas 28% das três potências industriais europeias. (...) Além disso, a guerra não apenas reforçou sua posição como maior produtor industrial do mundo, como os transformou no maior credor do mundo (...) os britânicos haviam perdido cerca de um quarto de seus investimentos globais durante a guerra, sobretudo os aplicados nos EUA (...) enquanto isso os americanos que haviam começado a guerra como uns países devedores terminaram-na como o principal credor internacional (...). Importavam quase 40% de todas as exportações de matérias-primas e alimentos dos quinze países mais comerciais, um fato que ajuda muito a explicar o desastroso impacto da Depressão nos produtores de trigo, algodão, açúcar, borracha, seda, cobre, estanho e café (Hobsbawm, 1995, p. 101-2).

Os Estados Unidos: além de ser credor do mundo, era também o segundo maior ficando atrás da Grã-Bretanha consumidor de produtos primários do mundo, – ficando atrás da Grã-Bretanha – o que favorecia países exportadores de matérias-primas como carne, café e trigo Brasil e Argentina que assim podiam obter reservas para importar as manufaturas. A hegemonia norte-americana era marcada por uma praticamente

autossuficiência e isolacionismo nas questões internacionais, o que também não impediu os norte-americanos de enviarem empréstimos à Europa como Plano Dawes para ajudar a Alemanha; além de tais somas de capitais também favorecerem às exportações norte-americanas à Europa por meio da devolução do poder de compra ao continente.

Assim no plano internacional havia uma tentativa de restabelecer o padrão-ouro, e internamente os EUA poderiam estar favorecendo a especulação com a expansão do crédito. Há no fim da década de 1920, a diminuição dos empréstimos norte-americanos pelo risco de não pagamento dos países europeus e ao *boom* da produção de produtos agrícolas mundiais, levando à queda nos preços; o que levou os países subdesenvolvidos a perderem suas fontes de receitas, o que diminuía também a importação de produtos manufaturados da Europa e dos EUA.

O tamanho e importância dos Estados Unidos ficaram evidentes com no término da década de 1920, isso tornou-se mais evidente na quebra da Bolsa de Valores de Nova, afetando também a economia real e o comércio mundial. Internamente, ninguém imaginava que os preços das ações negociadas na Bolsa não refletiam o valor real das empresas. A economia norte-americana já mostrava sinais de estagnação, pois os que podiam comprar já havia adquirido o que se podia em bens duráveis, como automóveis e casas. Com o mercado desaquecido, havia o estímulo a novos investimentos no mercado acionário. Em 1928, Calvin Coolidge que se despedia e dava lugar ao novo presidente: Herbert Hoover; aumentando mais o otimismo dos investidores.

Segundo Saes (2013, p. 353) os empréstimos subiam de maneira frenética, os doze bancos ligados ao FED tomavam empréstimos a 5% e os emprestavam a 12% e o processo de multiplicava. Como maneira contenciosa a esse ciclo expansivo, o FED em agosto de 1929 aumentou a taxa de juros de 5% para 6%. As intervenções no mercado monetário fizeram com que os agentes ficassem mais contidos e passassem a se livrar as ações, ao mesmo tempo em que a retração monetária também impedia novos investimentos no setor produtivo, agravando mais a projeção recessiva.

Tabela 8. Economia norte-americana de 1919-39

| | Investimento | Construção | PIB | Preço de varejo 1947-1949=100 |
|------|--------------|------------|-----|-------------------------------|
| 1919 | 10,7 | 4,8 | 4,2 | 90,1 |
| 1920 | 12,8 | 5,0 | 3,3 | 100,3 |
| 1921 | 7,4 | 4,9 | 1,6 | 63,4 |

| | | | | |
|------|------|------|------|------|
| 1922 | 10,6 | 7,1 | 5,8 | 62,8 |
| 1923 | 15,6 | 8,2 | 5,8 | 65,4 |
| 1924 | 12,4 | 9,0 | 8,4 | 63,3 |
| 1925 | 16,4 | 10,0 | 0,5 | 67,3 |
| 1926 | 16,4 | 10,7 | 6,4 | 65,0 |
| 1927 | 17,1 | 10,4 | 7,3 | 62,0 |
| 1928 | 15,6 | 9,8 | 8,5 | 62,9 |
| 1929 | 14,5 | 8,7 | 04,4 | 61,9 |
| 1930 | 16,2 | 6,4 | 5,1 | 56,1 |
| 1931 | 10,5 | 4,5 | 9,5 | 47,4 |
| 1932 | 6,8 | 2,4 | 6,4 | 42,1 |
| 1933 | 0,8 | 1,9 | 4,2 | 42,8 |
| 1934 | 0,3 | 2,0 | 0,8 | 48,7 |
| 1935 | 1,8 | 2,8 | 1,4 | 52,0 |
| 1936 | 8,8 | 3,9 | 00,9 | 52,5 |
| 1937 | 9,3 | 4,6 | 09,1 | 56,1 |
| 1938 | 14,6 | 4,1 | 03,2 | 51,1 |
| 1939 | 9,9 | 4,9 | 11,0 | 50,1 |

Fonte: Temin, apud. SAES (2013, p.349)

Keynesianos e monetaristas se propuseram a explicar a Grande Depressão dentro de seu escopo analítico: os primeiros diziam que fora a fraca demanda no declínio do PIB e, portanto, olhavam pelo lado do dispêndio como fator explicativo para a Grande Depressão. Os monetaristas por sua vez atribuíam os erros das políticas monetárias do FED na potencialização da crise.

Dornbusch e Fisher por exemplo, afirmam que desde agosto de 1929 a economia norte-americana já se encontrava em trajetória descendente (...) a recessão teria se iniciado antes mesmo que se manifestasse o declínio dos preços das ações na bolsa de Nova Iorque. Assim, a hipótese do dispêndio se fixa na análise dos gastos e, em sua forma mais extrema, recusa o impacto deflacionário e recessivo de fatores monetários (inclusive a quebra dos bancos) sobre a economia norte-americana entre outubro de 1929 e setembro de 1931 (Saes, 2013. p. 364-5).

Os monetaristas como Friedman e Anna Schwartz em seu livro *A Monetary History of The United States, 1867-1960*, diferiram na análise de Keynes e deram explicações monetárias à profusão da Grande Depressão à responsabilização do FED.

Nosso principal tema era de que o efeito das forças econômicas que produziam a contração, quaisquer que fossem, era magnificado por um declínio sem precedentes da oferta monetária resultante das crises bancárias. Nosso julgamento adicional era de que o Federal Reserve System poderia ter prevenido as consequências monetárias das crises bancárias, mas fracassou em fazê-lo. (Schwartz, 1982, p. 7. apud. SAES, 2013, p. 367).

Quem acabou ganhando o debate foram os adeptos da teoria de Keynes que foram implementadas no New Deal que visava reforçar a economia por meio de expansão dos gastos em períodos recessivos; promovendo o aquecimento da economia por meio de políticas expansionistas. A Crise de 1929, repercutiu globalmente; por causas internas norte-americanas e também das instabilidades na economia mundial. A Grande Depressão marcou o fim de uma era, por motivos mais espessos e interligados: havia uma superprodução de alimentos agrícolas, o que pode ter levado à redução de seus preços no mercado internacional.

No sentido sistêmico, havia a falta de referência de um sistema monetário internacional referencial, que causava instabilidades na Europa, e os EUA como como superpotência que emanou da Primeira Guerra Mundial, ainda manteu certa relutância proporcional ao seu gigantismo de ser o elo estabilizador internacional, já que a Inglaterra perdia vigor. Não se pode tentar entender a crise de 1929, sem os Estados Unidos. E Não se pode também deixar de mencionar os impactos que as duas Guerras Mundiais tiveram sobre a economia norte-americana, Hobsbawm (1995) afirma que: “Sua taxa de crescimento nas duas guerras foi bastante extraordinária, sobretudo na Segunda Guerra Mundial, quando aumentou mais ou menos 10% ao ano, mais rápido que nunca antes ou depois” (Hobsbawm, 1995. p.55).¹⁶

Essa tendência de isolacionismo foi se alterando e o papel norte-americano também já durante a conflagração da Segunda Guerra. Chomsky (2017) traz a visão os ocupantes dos altos escalões do Departamento de Estado norte-americano viam a conjuntura externa com a conflagração da Segunda Guerra e como moldaram suas estratégias geopolíticas para se imporem como hegemonia. Segundo ele:

Desde a deflagração da guerra, em 1939, Washington anteviu que o conflito terminaria com os EUA numa posição de avassaladora supremacia. Funcionários do alto escalão do Departamento de Estado e especialistas em política externa reuniram-se um sem-número de vezes no decorrer dos anos de guerra a fim de detalhar planos para o mundo do pós-guerra. Eles delinearam uma “Grande Área” que os EUA caberiam dominar e que incluía o hemisfério ocidental, o Extremo Oriente e o antigo Império Britânico, com seus recursos

¹⁶ Os norte-americanos entraram na Guerra em 1941, ano que a base militar de Pearl Harbor foi alvo de bombardeio japonês.

energéticos do Oriente Médio. Quando a Rússia começou a esmagar os exércitos nazistas depois da Batalha de Stalingrado, os objetivos da Grande Área ampliaram-se para abarcar o maior naco possível da Eurásia – ao menos o seu núcleo econômico, na Europa Ocidental. Dentro dos limites da Grande Área, os EUA manteriam um “poder inquestionável”, com “supremacia militar e econômica”, ao mesmo tempo em que assegurariam a “limitação de qualquer exercício de soberania” por parte dos Estados que pudessem interferir nos prognósticos globais estadunidenses. (Chomsky, 2017, p. 79).

7.6 ACORDO DE BRETTON WOODS E A HEGEMONIA NORTE-AMERICANA

Terminado o conflito da Segunda Guerra, o mundo deixou de ser eurocêntrico¹⁷; e marcou a queda de hegemonia inglesa. Com o declínio inglês, os Estados Unidos tentaram afirmar como hegemonia. Segundo Hobsbawm (1995),

A situação dos aliados norte-americanos na Europa Ocidental que em, 1947 os EUA lançam o Plano Marshall que visava a reconstrução da Europa. Esse plano de reconstrução da Europa não foi totalmente hegemônico, pois não marcou uma Europa de livre mercado, livre conversão e submissa de forma integral aos EUA. “Chegou-se a argumentar que dessa forma, a Guerra Fria foi o principal motor da prosperidade global (Walker, 1993. apud. HOBBSAWM, 1995, p. 270). Isso provavelmente é um exagero, mas a gigantesca generosidade do Plano Marshall (...) sem dúvida ajudou a modernizar os países que queriam para esse fim – como fizeram sistematicamente a França e a Áustria –, e a ajuda americana foi decisiva na aceleração da transformação da Alemanha Ocidental e do Japão. Sem dúvida esses dois países teriam se tornado grandes potências econômicas de qualquer modo. O simples fato de, como países derrotados não serem senhores de sua política externa lhes deu uma vantagem, pois não os tentou a despejar mais que um mínimo de recursos no estéril buraco dos gastos militares. No entanto, devemos nos perguntar o que teria acontecido à economia alemã se sua recuperação tivesse dependido dos europeus, que temiam seu renascimento. (Hobsbawm, 1995, p. 270).

Onde a hegemonia norte-americana também conflitava com o outro espectro político que vinha de Moscou: a Revolução Russa deixou uma outra possibilidade ao capitalismo, e a URSS saiu fortalecida até pelo papel do Exército Vermelho na “Batalha de Stalingrado” contra os nazistas e a penetração na cidade de Berlim. Algo que tornou-se mais formal, nas Conferências de Yalta, na reunião entre Churchill, Roosevelt e Stalin.

¹⁷ O centro financeiro deixou de ser a *City* e passou a ser *Wall Street*. Os norte-americanos saíram da Guerra como a maior potência econômica, militar e a de maior influência política. Mas em 1957 foi criada a Comunidade Europeia, que seria mais tarde transformada em UE (União Europeia) que a princípio tinha seis Estados: (França, República Federal da Alemanha – Alemanha Oriental –, Itália, Países Baixos, Bélgica e Luxemburgo). Hobsbawm (1995, p. 236-37) afirma que a “Comunidade” foi um subproduto da Guerra Fria, e para tanto criou-se o bloco – e como tantas outras coisas na Europa pós-1945, era ao mesmo tempo a favor e contra os EUA. Ilustra o poder e a ambiguidade daquele país quanto os seus limites; mas também mostra a força e os temores que manteve a aliança antissoviética. A Europa assim é como um *hegemon* regional, algo que pode ser até estendido pela criação de uma moeda única o euro em 1998.

Com o “fim da cortina de ferro”, o mundo estaria agora numa fase de democracia liberal sem rival.

Ao mesmo tempo, havia um consenso em tentar uma harmonia internacional, – ao menos no campo da diplomacia formalizada. Para tanto, vários órgãos supranacionais - desde econômicos, como o FMI, Banco Mundial foram criados. Embora essas instituições fossem as responsáveis pelo fluxo monetário internacional, Belluzzo (1997, p.168) afirma que quem de fato quem detinha o poder decisório e era responsável pela liquidez internacional, era o *Federal Reserve*. Instituições comerciais como o GATT também davam as regras do comércio exterior - outras instituições supranacionais como a ONU foram fundadas no pós-guerra.

Em linhas gerais, houve também a criação do chamado Acordo de *Bretton Woods*, onde os países se comprometiam a cooperar também na esfera financeira mediante controle do fluxo de capitais de curto prazo, paridade fixa de câmbio agora no padrão-ouro dólar, além de acordos comerciais que visavam dar amenizar as disparidades e tensões entre os países.

Bretton Woods: período que vai de aproximadamente 1945-73 foi marcado por ser chamado de "Era de Ouro" do capitalismo, pois houveram ganhos substanciais tanto para os trabalhadores, empresas, ganhos comerciais e o sistema funcionava relativamente de maneira harmônica; tanto na Europa com o *Welfare State*, quanto os países de Terceiro Mundo ¹⁸que foram incorporados em certa medida. Na América Latina, houve o favorecimento de medidas mais nacional-desenvolvimentistas. O capitalismo pós-Guerra marcava um uma junção entre liberalismo econômico também com planejamento e democracia social, no sentido estrito norte-americano, aquilo conseguido pelo New Deal, com contribuições do modelo de planejamento econômico importados da URSS, que foi pioneira nesse aspecto com seus Planos Quinquenais. Teóricos mais amantes do livre mercado puro, como o austríaco Friedrich von Hayek (1889-1992) que acreditavam na perfeita alocação recursiva dos fatores de produção pelas forças do mercado, mantinham-

¹⁸ Ressalvas também se fazem pertinentes, pois no auge da Era de Ouro do capitalismo, vários países estavam sob forte repressão de Estados de Exceção: o Chile em 1973 estava sob comando de Pinochet que através de um Golpe de Estado, tomou o poder do Presidente Salvador Allende e reestruturou toda a economia seguindo as teorias estritas do monetarismo neoliberal, tendo um dos formuladores antes da implementação: Milton Friedman. Caso parecido – de ditaduras – também teve no Brasil que mesmo sendo um modelo econômico diferente: nacional-desenvolvimentista, não altera a premissa inicial de ser um Estado de Exceção.

se convictos em suas posições de que onde há intervenção, há transgressão à liberdade de mercado e, portanto, do indivíduo. Tais ideias voltariam na virada final dos anos 1970.

Os EUA saíram como potência econômica no pós-Segunda Guerra: Deve-se ter sempre em mente que em 1950 só os EUA tinham mais ou menos 60% de todo o estoque de capital ¹⁹de todos os países capitalistas avançados, produziam mais ou menos 60% de toda a produção deles, e mesmo no auge da Era de Ouro (1970) ainda detinham mais de 50% do estoque total de capital de todos esses países e eram responsáveis por mais da metade de sua produção (Armstrong, Glyn & Harrison, 1991, p. 151. Apud HOBBSAWM p. 270).

A hegemonia dos EUA foi de vez efetivada, o dólar tomou o lugar da libra-esterlina e sendo indexado a uma quantia em ouro; funcionando como estabilizador monetário internacional. As outras moedas o tinham como referência e tomavam a política monetária como endógena; dando estabilização macroeconômica no câmbio. Se o dólar valorizava, - e com isso aumentava a quantia proporcional ao ouro -, os países deveriam valorizar também na tentativa de que nenhum deles apresentassem altas volatilidades em seus balanços de pagamentos, - déficits e superávits crônicos em transações correntes -. O arranjo passaria por sobressaltos em finais da década de 1960 - e distensões na década seguinte -, com os déficits fiscais norte-americanos que repercutiram também na deterioração da sua balança comercial.

Como explicar o advento de prosperidade? De forma empírica, o *Welfare State* estava ciclo de ascensão de Kondratiev - estava no Quarto Kondratiev -, e como afirma Hobsbawm (1995, p. 263) Essas ondas são conhecidas em geral pelo nome do economista russo Kondratiev que a detectou. “Numa perspectiva longa, a Era de Ouro foi mais uma reviravolta ascendente na curva de Kondratiev” (...). Como outras viradas ascendentes anteriores, foi precedida e seguida por "curvas descendentes." Esta curva descendente por sua vez foi no fim da década de 1970, ao largo que a economia entrou em uma nova fase financeira e questionamento da hegemonia norte-americana com respaldo internacional.

¹⁹ O conjunto de estoque de capital fixo é formado pelo conjunto de bens da economia empregados como insumos no processo de produção.

8 DESCENSO DO QUARTO KONDRATIEFF: QUEBRA DO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL, DISSOLUÇÃO DO ACORDO DE BRETTON E ADVENTO DO NEOLIBARLISMO

8.1 PLENO EMPREGO NO PÓS-GUERRA

Como foi dito anteriormente, o período compreendido como *Bretton Woods*, era marcado pela diminuição das instabilidades, ganhos salariais e fomento do pleno emprego: forte sindicalização. Hobsbawm (1995) considera que, esse equilíbrio dava sinais de esgotamento em fins da década de 1960, pois também dependia de um equilíbrio frágil:

(...) os salários tinham que crescer de subir com rapidez suficiente para manter o mercado ativo, mas não a ponto de para espremer os lucros. Como, porém, controlar salários numa época de demanda florescente? Como em outras palavras, controlar a inflação, ou pelo menos mantê-la dentro dos limites? Por último, a Era de Ouro dependia do esmagador domínio político e econômico dos EUA, que atuavam – às vezes sem pretender – como estabilizador e assegurador da economia mundial. Durante a década de 1960, tudo isso dava sinais de desgaste. (Hobsbawm, 1995. p. 279).

A indexação salarial acima da inflação, cenário de pleno emprego, como também lembra Kalecki (1899-1970) na sua obra é refletido também na luta de classes, pela correção da paridade do poder de compra de um lado, e queda na taxa de lucro de outro marca a tensão latente entre capital e trabalho. Segundo Mazart (2011) revisitando *Aspectos Políticos do Pleno Emprego*, trabalho do economista polonês, afirma que:

As classes proprietárias não podiam tolerar muito tempo que sejam mantidas políticas econômicas de manutenção do pleno emprego num contexto de inflação salarial que diminuía a parcela dos lucros. O poder de barganha dos trabalhadores, forte numa situação de pleno emprego que reduzia a “disciplina”, devia ser desmoralizado. A solução do conflito distributivo para as classes proprietárias sempre foi a adoção de políticas econômicas contracionistas que criavam fatalmente desemprego, o que permite reduzir consideravelmente o poder de barganha dos trabalhadores e as pressões inflacionistas. (Mazart, 2011. p. 11).

Hobsbawm (1995, p. 260-3) também elenca três características envoltas na Era de Ouro: o primeiro deles, é que ela transformou a vida do mundo rico e até mesmo do mundo pobre, no qual o rádio agora podia encurtar as distâncias, graças ao transistor e à miniaturização da bateria de vida longa. A Revolução Verde que transformou cultivos de

arroz e de trigo. Segundo: quanto mais complexa a tecnologia envolvida, mais complexo o caminho que ia desde a descoberta à produção.²⁰

Pesquisas e Desenvolvimento (R & D) em inglês tornaram-se fundamentais para o crescimento econômico e, por esse motivo reforçou-se a já enorme vantagem das economias de mercado desenvolvidas. O país desenvolvido típico tinha mais de mil cientistas e engenheiros para cada milhão de habitantes na década de 1970, no entanto o Brasil tinha cerca de 250, Índia 130, o Paquistão cerca de 60, Quênia e Nigéria cerca de 30.

Terceiro: observou-se também, que as tecnologias eram massivamente de capital intensivo (excetuando por técnicos, engenheiros, químicos... mão-de-obra altamente qualificada). Uma das características observadas na Era de Ouro, era que ela precisava cada mais de investimentos e cada vez menos de gente (a não ser consumidores). Mas como lembra o autor, até este tipo de caracterização da formatação produtiva não foi de imediato percebidas, devido ao ímpeto do crescimento, até nos países desenvolvidos a classe operária da indústria aumentou seus empregados.

8.2 MUDANÇAS MORFOLÓGICAS NA ECONOMIA MUNDIAL EM FINS DA DÉCADA DE 1960

Belluzzo (1997, p. 172) também considera que à medida que nos aproximamos do final dos anos 60 e ingressamos na década de 1970, a intensificação da concorrência e a hostilidade em relação ao intervencionismo do Estado, à politização das decisões econômicas, acarretaram um forte declínio do investimento privado, que as políticas fiscais não conseguiram contrabalançar. Muito ao contrário, as ações do Estado começaram a se tornar cada vez menos efetivas para reestimar o "espírito animal" do setor privado.

A tendência a déficits crônicos e crescentes dos governos revelava que o pacto, até então bem-sucedido, entre governos, proprietários de riqueza e ganhos salariais

²⁰ Hobsbawm (1995, p. 259) também chama a atenção que devido ao petróleo barato, houve a explosão de veículos automotores, segundo ele se escolheu-se como medida de riqueza da sociedade ocidental pelos números de carros, teríamos visto o salto que foi na Itália em 1938 que saiu de 750 mil para 15 milhões em 1975. Podia-se reconhecer o desenvolvimento dos Países de Terceiro Mundo pelo aumento do Número de caminhões. O modelo de produção de massa de Ford espalhou-se pelo mundo.

estavam prestes a colapsar. Os déficits geravam a saída de ouro, repercutindo na desvalorização do dólar e questionamento sobre a possibilidade de o dólar ser a moeda que poderia lastrear as outras moedas, e conjugado com a perda de competitividade para o Japão e a Alemanha. Isso ocasionou o que se chama de ‘‘Dilema de Triffin²¹’’: (...) a função da moeda americana como reserva de valor estava sendo desgastada pela percepção de que havia um desequilíbrio estrutural no balanço de pagamentos.’’ (Belluzzo, 1997. p.173).

A década de 1970 foi o marco de ruptura do padrão monetário internacional de *Bretton Woods* quando os EUA se recusaram a seguir com a conversibilidade do dólar em ouro. Já em 1960, começaram a surgir no mercado internacional, as chamadas euro moedas, que eram a princípio dólares depositados em outros bancos que não norte-americanos, visando fugir dos marcos regulatórios internos. Em 1971, os Estados Unidos resolvem sair de *Bretton Woods* e negando-se a seguir com a conversibilidade do dólar, levando à quebra de padrão-ouro dólar.

Em 1973 tem-se o primeiro choque do petróleo com a redução da oferta por parte dos países exportadores – os países da OPEP – levando ao aumento dos preços. ‘‘Um dos motivos para que a "Era de Ouro" ganhou esse nome, era que o barril de petróleo custava em "média menos de dois dólares o barril durante todo o período de 1950-73, com isso tornando a energia ridiculamente barata e barateando-a cada vez mais." (Hobsbawm, 1995. p.258). Estes países ²²– os membros da OPEP – por sua vez foram alvo de grandes somas de capitais internacionais que não tinham condições de absorção; e estes capitais

²¹ Esse dilema foi descrito por Robert Triffin (1911-93) foi um economista belga, este dilema consistia em certo impasse ao Sistema de Bretton, pois tendo o dólar como moeda de referência indexada ao ouro, e diante de um comércio internacional crescente, os meios de dispor de meios de pagamentos nessas transações eram com mais ouro – como a oferta ouro é de baixa elasticidade, então haveria certa tendência a estrangulamento transacional – e como o mundo também dependia dos dólares, para que houvesse reservas da moeda – dólar – então os EUA deveriam aumentar seus déficits fiscais, mas à medida que tais déficits fossem aumentando, levaria à erosão na confiabilidade no dólar como ‘‘moeda forte’’ como foi antigamente a libra.

²² David Harvey (2005) em seu livro *O Novo Imperialismo*, afirma que a intenção era prejudicar os potenciais rivais norte-americanos e absorver essa alta liquidez por meio dos bancos norte-americanos: (...) o conluio hoje documentado entre a administração Nixon e os saudistas e iranianos para elevar loucamente 1973 os preços do petróleo prejudicou mais as economias europeias e japonesas do que os Estados Unidos (que na época não dependiam muito das reservas do Oriente Médio). Os bancos norte-americanos (em vez do FMI, que era o agente preferido das outras potências capitalistas) obtiveram o privilégio monopolista de reciclar petrodólares na economia mundial, trazendo de volta para casa o mercado de eurodólar. (Harvey, 2005. p. 58). Ou seja: os EUA começaram retomaram sua hegemonia, já em 1971, intensificando mais ainda em 1973.

acabaram voltando para os bancos de Nova York, centro financeiro mundial. Este período na década de 1970, ficou conhecido como a alta liquidez promovida pelos *petrodólares*. Devido ao todo quadro geoeconômico à época e mudanças no sistema monetário internacional, conjugado também às novas engenharias financeiras e liberalização dos fluxos de capitais, a tendência de alta de liquidez e absorção ao longo da cadeia produtiva que funcionou como ajuda norte-americana à Europa via Plano Marshall, acabou por ter outros efeitos na economia mundial na década de 1970.

A partir de 1968, a injeção de poder aquisitivo na economia mundial, em vez de resultar no crescimento do comércio e produção mundiais, como fizera na década de 1950 e no início da seguinte, resultou numa inflação mundial de custos e numa fuga maciça de capital para os mercados monetários offshore. Esse efeito “perverso” deveu-se menos à má gestão das políticas macroeconômicas do que à emergência de uma contradição fundamental entre a expansão transnacional do capital das corporações norte-americanas e os fundamentos nacionais do poder mundial dos Estados Unidos (Arrighi, 1996, p. 316, apud. MAZART, 2011, p. 6).

8.3 MORFOLOGIA DO CICLO SISTÊMICO DE ACUMULAÇÃO

Pelo ciclo sistêmico de acumulação, os Estados Unidos estariam entrando na fase de retração comercial e expansão financeira, – descenso do Quarto Kondratieff – o que se caracterizaria em perda de seu poder hegemônico. Os primeiros sinais dessa perda de hegemonia teriam sido, a saída norte-americana do Acordo de Bretton Woods em 1971²³. E em 1973 como foi dito anteriormente, acontece o primeiro Choque do Petróleo, onde os países da OPEP que detinham o poder de cartelização da oferta de petróleo, reduzem a oferta²⁴ desta *commodity*, levando à explosão dos preços e advento da estagflação.

Em 1979, o Segundo Choque, com a Revolução Iraniana, no ano o aumento da taxa de juros promovida por Paul Volcker em 1979, que levou à toda uma reestruturação do sistema financeiro internacional.²⁵ Esse teria sido meio de os Estados Unidos

²³ Para mais detalhes do que foi Bretton Woods, e o que significou sua dissolução. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/07/apos-75-anos-de-bretton-woods-cooperacao-mundial-vive-sob-ameaca.shtml>>. Acesso em 12-11-2019

²⁴ A baixa elasticidade – elasticidade para os economistas se refere em como medir o impacto da variação dos preços, dado que a oferta variou, dado que à época o petróleo não tinha substitutos próximos (e até hoje, devido ao poder das empresas produtoras de petróleo) - da demanda por petróleo também é um dos pressupostos até pela teoria neoclássica, para a formação de cartel. Outro ponto seria a capacidade de definir preço por um pequeno grupo, caracterizando em poder de mercado.

²⁵ Para mais detalhes, ver **Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização** - Maria da Conceição Tavares, José Luís Fiori (organizadores). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. No capítulo: “A retomada da hegemonia norte-americana”, onde Maria da Conceição Tavares elabora a análise sistemática do poder exercido pelo dólar em outras moedas, tanto ganhos referenciais em termos de reservas de valor, como meio de troca, e como as outras economias mundiais subalternizando-se.

retomarem sua hegemonia, mas segundo a visão de Arrighi, o poder financeiro pode ser reflexo de exaustão hegemônica.

9 ADVENTO DO NEOLIBERALISMO

Tendo isso em vista, os EUA com o *neoliberalismo*²⁶ que se propunha a dar respostas aos altos déficits fiscais, alta inflação e desemprego, puderam retomar seu poder por meio de *Wall Street*. O novo paradigma que era uma recuperação do liberalismo clássico, conjugado com o monetarismo de Friedman; se propôs a dar canais de saídas no *establishment*. O capitalismo desde cerca de 1970, entrou no descenso do Quarto Kondratieff: A alta volatilidade dos mercados e sua tentativa de absorção da economia real, são nexos de debates e pesquisas, pois diferente do período de Bretton Woods, há livre mobilidade de capitais, taxas de câmbio flutuante - na qual o dólar é a moeda de reserva de valor e meio de troca nas principais praças financeiras. Alguns números podem dar a noção do comportamento do sistema financeiro internacional:

Em 1971, 90 por cento das transações financeiras internacionais tinham alguma relação com a economia real – comércio e investimentos de longo prazo – e 10 por cento eram especulativas. Em 1990, essa proporção se inverteu e, por volta de 1995, cerca de 95 por cento de um valor total imensamente maior era de natureza especulativa. (Chomsky, 2006. p. 26).

Essas volatilidades também foram propiciadas pelo advento das tecnologias da informação tendo *Wall Street* como centro financeiro mundial e em muitos casos, dando lucros vultuosos aos detentores das melhores linhas de cabos de fibra óptica do mercado, deixando as transações nas mãos dos operadores de alta frequência²⁷, – com o uso massivo da telemática, interconexão de infovias -, informática que forneceram os meios de interligação dos múltiplos mercados ao redor do mundo. E não apenas isso, mas também que até antes da dissolução do Sistema de *Bretton Woods* o sistema financeiro era de certa

²⁶ Sobre o que é neoliberalismo, disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/10/29/O-que-%C3%A9-neoliberalismo.-E-quais-as-disputas-em-torno-do-termo?utm_medium=Social&utm_campaign=Echobox&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR26RX64CV1ayfkDYUidotRWtcSHYW8hVv-ZSTeuj1PFW7HSOLGc-oeg37A#Echobox=1572640713> acesso em 14-11-2019.

E algumas análises do neoliberalismo de Joseph Stiglitz: < https://outraspalavras.net/outrasmidias/stiglitz-a-era-do-neoliberalismo-totalitario/?fbclid=IwAR32_PWiiG6r8ZPjliLaaQl-Fv4WhfAl44QQgkZTcUTJNH3Q_m8GNgujHBM> acesso em 14-11-2019

²⁷ Michael Lewis (2014) afirma que ao cobrir o sistema financeiro norte-americano, os detentores das redes que depois pensavam em alugar sua rede de encurtamento às transferências de dados aos mercados, ganhando tempo de transferência de dados em 6-8 nanossegundos – encurtamento devido à explosão de uma rocha que no verão de 2009, alocou o trabalho de dois mil homens que cavavam e perfuravam a estranha casa de que ela precisava para sobreviver. Duzentas e cinco equipes de oito homens cada, mais diversos consultores e inspetores (...) o custo seria depois mensurado em milhões de dólares mensais aos que pudessem pagar pelo acesso à rede. Segundo ele: “O valor que chegaram foi U\$ 300 mil por mês, cerca de acima do preço das linhas existentes. Os duzentos primeiros players do mercado dispostos a pagar adiantado a assinar contrato de cinco anos ganhariam desconto: U\$ 10,6 milhões por cinco anos (...) somando tudo, o custo direto para cada operador seria de cerca de U\$ 14 milhões, o que multiplicado pelos duzentos operadores, resultaria num grandioso total de U\$ 2,8 bilhões. (Lewis, 2014, p. 22)

maneira regulado, crises no mercado cambial não afetariam os mercados de créditos, tal como uma crise deste, não teria meios de criar crises no mercado monetário.

Algumas crises causadas pela abertura das contas de capital dos países que se submeteram; casos mais notáveis podem ser citados o México em 1994 e a Ásia em 1997. Analistas que seguem a orientação macrosociológica de Arrighi, veem a entrada dos Estados Unidos como uma possível derrocada de seu domínio hegemônico como foi com os impérios anteriores. Nessa abordagem teórica,

Como regra geral, as grandes expansões materiais só ocorreriam quando um novo bloco dominante acumulou poder mundial suficiente para ficar em condições não apenas de contornar a competição interestatal, ou erguesse acima dela, mas também de mantê-la sob controle, garantindo um mínimo de cooperação entre os Estados. O que impulsionou a prodigiosa expansão da economia mundial capitalista nos últimos quinhentos anos, em outras palavras, não foi a concorrência entre Estados como tal, mas essa concorrência aliada a uma concentração cada vez maior de poder capitalista no sistema mundial como um todo. (Arrighi, 1996, p.12).

O ponto crítico para mudanças de hegemonias, seria quando dentro da dinâmica do Sistema-Mundo, um novo “centro” se dá pela sua capacidade de controle do capital circulante – a concorrência pelo capital circulante até analisada por Weber, como foi dito anteriormente, é o que determinaria a concorrência visceral entre os Estados dentro da luta por incorporação da economia mundial e na tentativa de dar vazão ao capital sobreacumulado – para tanto, um novo “centro” deve se sobrepor aos demais nessa realocação capitalista. O meio de retomada da hegemonia norte-americana, como dito anteriormente, foi através do aumento da taxa de juros pelo FED em 1979, restrições fiscais e desregulação financeira mundial.

Sendo assim, a mudança de “centro” e o advento de um novo, se daria quando há a capacidade de absorção de novos capitais e haveria um aumento da expansão material, aumento tendencial da produção e do comércio. E no polo de descenso, se daria quando não há mais capacidade de investimentos lucrativos e, portanto, não há tendência de absorção do setor produtivo, isso se dá quando os agentes passam a dar preferência às transações e especulações financeiras. Arrighi (1996, p. 244-5) sintetiza os dois períodos de hegemonia e em seus estudos teria acabado por enxergar o deslocamento do centro dinâmico em direção à Ásia, já que a partir dos anos 1970, os EUA teriam entrado na sua fase financeira e assim haveria um déficit representativo de poder hegemônico.

Um deles ocorreu dentro das estruturas organizacionais do ciclo de acumulação que estava chegando ao fim. Em geral, esse tipo de concentração associou-se a um derradeiro “momento maravilhoso” de reanimação [...] do

regime de acumulação ainda dominante, porém cada vez mais volátil. Mas esse momento maravilhoso [...] sempre foi a expressão de uma escalada na luta competitiva e de poder que estava prestes a precipitar a crise terminal do regime. [...] O outro tipo de concentração nas fases de expansão financeira da economia capitalista mundial pode ou não ter contribuído para uma reanimação do regime de acumulação existente. Sua principal função histórica foi aprofundar a crise do sistema, fazendo brotar estruturas regionais de acumulação que desestabilizaram ainda mais o antigo regime e anteciparam a emergência do novo (Arrighi, 1996, p. 244-245).

Na concepção de Arrighi, o provável centro hegemônico como poderia ser o Japão. O crescimento do PIB e do PIB *per capita* eram indicadores de que o Japão poderia superar os Estados Unidos e se firmar como centro. Saes (2013, p. 628) afirma que, no entanto, mais importante que o crescimento do PIB era ‘a expansão e a rapidez com que com que Japão se apropriou da renda e da liquidez mundiais’. Segundo o mesmo autor a expansão na década de 1980, o capitalismo do Leste Asiático (com a liderança do Japão), detinha uma posição de liderança, pois o comércio do Pacífico superava em valor, o realizado no Atlântico. Mesmo assim, o Japão apresentava fragilidades no que diria respeito à sua condição militar.

De um lado, os Estados Unidos conservam um quase-monopólio do uso legítimo da violência em escala mundial – um quase monopólio que se acentuou desde 1987, com o colapso da União Soviética. Mas seu endividamento financeiro é de tal ordem que o país só poderá continuar a fazê-lo com o consentimento das organizações que controlam a liquidez mundial. Por outro lado, o Japão e as ‘ilhas’ do arquipélago capitalista do leste asiático conquistaram um quase-monopólio da liquidez mundial – um quase-monopólio que também se acentuou desde 1987, com a redução do poder financeiro da Alemanha Ocidental depois da absorção da Alemanha Oriental. Mas tal é a sua incapacidade de defesa militar que eles só poderão continuar a exercer esse quase-monopólio com o consentimento das organizações que controlam o uso legítimo da violência em escala mundial (Arrighi, 1996, p. 368. apud. SAES, 2013, p. 629).

9.1 CRÍTICAS À VISÃO DE ARRIGHI

Há autores que discordam, pois alguns pontos elencados para a possível dissolução norte-americana podem ser também reavaliados; e que podem não encontrar bases sólidas empiricamente. O primeiro seria os altos déficits fiscais norte-americanos, o que também levaria a pensar que o dólar não seria o standard universal tal como aconteceu com a libra-esterlina na época do declínio da sua hegemonia. O primeiro deles, seria o problema do dólar sem lastro, o chamado dólar flexível:

No padrão dólar flexível os EUA podem incorrer em déficits na BP e financiá-los tranquilamente com ativos denominados em sua própria moeda, como nos outros padrões anteriormente citados. Além disso, a ausência de conversibilidade em ouro dá ao dólar a liberdade de variar sua paridade em

relação a moedas dos outros países conforme sua conveniência, através de movidas da taxa de juros americana. Isso é verdade tanto para valorizar o dólar quanto para desvalorizá-lo (Serrano, 2002 apud. MAZART. 2011).

O dólar se desvalorizando não há risco de corrida ao ouro visto que não há mais a indexação ao metal. Assim que houve a *dança do dólar*: de 1979 a 1985, dólar forte e reestruturação do sistema financeiro internacional: dólar como reserva de valor. De 1985-89, dólar fraco e tornando-se meio de troca.²⁸

Serrano (2002, apud. MAZART, 2011, p. 13) critica também, os economistas que, seguem a visão de Arrighi ao considerarem o aumento crônico do déficit público e da dívida interna como insustentável. Serrano defende a ideia de que um aumento crescente e não limitado da dívida em relação ao PIB seria difícil, a não ser que a taxa de juros que é aplicada ao passivo do setor público seja maior que a taxa de crescimento do produto. Cenário que parece bastante irrealizável, sendo que o governo norte-americano possui uma grande autonomia para determinar a taxa de juros que se aplica a sua própria dívida. E tampouco se não tem essa restrição interna – já que a dívida é em moeda nacional – muito menos, parece haver restrições externas, já que o dólar é meio de troca referencial às outras moedas e é usada nas principais praças financeiras internacionais tal como nas relações comerciais.

²⁸ Para detalhes mais sistematizados sobre essa periodização, ver Tavares e Melin: *A Reafirmação da Hegemonia Norte-Americana*. Artigo publicado em 1997, na obra **Poder e Dinheiro: Uma Economia Política da Globalização**.

10 COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR NORTE-AMERICANO

Hunt & Sherman (1977, p. 174) afirmam que um dos subprodutos das políticas anticíclicas keynesianas nos Estados foi a Criação de Complexo Industrial Militar de proporções jamais vistas. Segundo eles, em 1940, as despesas de caráter militar totalizaram 3,2 bilhões de dólares, ou 3,2% do PNB²⁹. Já no ano de 1943 – dois anos após os Estados Unidos entrarem na Guerra – as despesas militares chegaram a impressionantes quase 40% do PNB. Os lucros foram estratosféricos. Os Estados Unidos à época se dispuseram a disponibilizar somas superiores aos outros países, tanto em termos absolutos, relativos e também *per capita*.

Medeiros (2004, pag. 3) considera que no curto prazo, parece haver algo correlato entre a demanda (Schomookler, 1966, apud. MEDEIROS, 2004, p. 3), pois através dos estudos de patentes nos Estados Unidos ele percebia uma razoável explicação entre atividades inventivas e sendo explicadas pelas forças de demanda. O autor norte-americano parece também não ter negligenciado os aspectos extraeconômicos no desenvolvimento e aplicabilidade da inovação, como o acúmulo de conhecimento técnico segundo o próprio Medeiros (2004, p. 3). Contudo, uma abordagem que se pauta no processo inventivo impulsionado pela ciência não seria determinada pelo lado da demanda, haveria uma necessidade de expandir os encadeamentos do lado da oferta.

A criação do Complexo Industrial Militar norte-americano visava diminuir a deficiência tecnológica norte-americana que se percebeu na Primeira Guerra Mundial. Medeiros (2004) segue elucidando os altos gastos do governo norte-americano, e como isso foi um subproduto da Segunda Guerra Mundial e teve continuidade na Guerra Fria. Segundo ele, a visão neoschumpeteriana de que os massivos gastos estatais possuem importante função na redução dos desníveis tecnológicos, é atribuído às forças de mercado papel predominante. Esta visão segundo ele, seria inautêntica para dar conta do

²⁹ Este indicador provém do PIB, porém o PIB considera o que foi produzido em termos de bens e serviços dentro das fronteiras de um país, sem levar em consideração a RLEE – Renda Líquida Enviada ao Exterior, e a RLRE – Renda Líquida Recebida do Exterior. PNB na mensuração das Contas Nacionais, é um indicador do quanto o que um país produz no ano corrente de fato corresponde aos residentes do país, depois de contabilizadas as Rendas Recebidas e Enviadas do exterior. Ex.: as multinacionais instaladas em um país contabilizam o PIB no país que estão instaladas, mas depois com o PNB, elas são contabilizadas ao PNB do país de origem. Sendo assim, dependendo dessa “equação” o PNB pode ser menor que o PIB, o contrário também se verifica.

Complexo Industrial Militar. ³⁰. Com isso, novos empreendimentos foram criados e intensificou-se a relação entre militarismo e desenvolvimento científico:

Dosi, Pavitt & Soete (1990) observaram a fraqueza das forças de mercado na seleção de “descontinuidades tecnológicas radicais” e reconheceram a importância das forças extramercado na provisão das condições para novos desenvolvimentos científicos e na seleção ex-ante das inovações com potenciais mais amplos. A influência de instituições não reguladas pelo mercado aproximando a ciência dos desdobramentos tecnológicos e provendo incentivos aos inovadores potenciais é deste modo, um fato amplamente aceito. Mas a despeito de sua importância, a instituição que assume a função central nos estudos nacionais sobre o progresso técnico é o laboratório de P&D das empresas. (Medeiros, 2004. p. 5).

A relação entre a alta burocracia estatal composta nos altos escalões de Defesa Nacional, tendo como representação institucional maior o Pentágono. Nesse sentido também relembra o autor que os custos de se transferir recursos da esfera civil à esfera militar, pode ser vista como algo infrutífero que a longo prazo esteriliza recursos e colapsa a economia como um todo. Nos Estados Unidos, o desenvolvimento do fluxo tecnológico se deu em grande medida, com gastos massivos em pesquisas através de uma rede complexa que abrange desde universidades, centros militares e fornecedores de materiais bélicos à indústria de transformação. A busca da “arma superior”, foi assim um projeto amplamente planejado visando condições geoestratégicas no cenário internacional,

(...) baseia-se não apenas na seleção das melhores ideias da tecnologia moderna, mas também em sistema que relaciona as ideias selecionadas com a doutrina ou conceito de sua aplicação tática ou estratégica, isto é, com a concepção de missão a ser desempenhada pela arma (Holley, 1983, p. 14, apud. MEDEIROS, 2004, p. 7).

Na deflagração da Segunda Guerra Mundial e no seu transcurso, teve como algo decorrente a tentativa de redução lacunar por parte dos norte-americanos de seu aparato institucional-militar. A busca da arma superior configurava não apenas no processo de invenção e inovação, mas também no manuseio dos artefatos e estratégias militares. “O National Advisory Committee for Aeronautics (NACA, o precursor da NASA) organizado pela Força Aérea em 1915 criou um certo centro de pesquisa interno à aeronáutica” (Medeiros, 2004, p. 7). No decorrer da Segunda Guerra. A criação de outra instituição chamada de National Defense Research Council (NDRC), em 1941, segundo o próprio

³⁰ O que foi denominado por Dwight Eisenhower como complexo industrial-militar foi, desde o seu começo, um “complexo militar-industrial acadêmico”, como mais tarde foi reconhecido pelo Senador William Fulbright (Leslie, 1993, apud. MEDEIROS, 2004, p. 8).

Medeiros (2004, p. 7) se articulou em uma rede transversalmente elaborada que ligava universidades, que recebiam recursos e estas davam expansão à continuidade de pesquisas e levaram aos Estados Unidos a ultrapassarem sua fronteira tecnológica.

Nesta concepção, as universidades constituíam o centro vital da pesquisa científica. De fato, nos anos imediatos que se seguiram à guerra, o MIT obteve isoladamente 117 milhões de dólares em P&D, o Instituto de Tecnologia da Califórnia (CALTECH) obteve 83 milhões de dólares. Estes contratos podem ser contrastados com os 17 milhões de dólares recebidos pela AT&T ou com os 8 milhões de dólares recebidos pela GE (Leslie, 1983). Os bem sucedidos casos do Laboratório de Radiação do MIT e do ultra secreto laboratório de Los Alamos, onde a primeira bomba nuclear foi obtida a partir de um contrato entre o exército e a Universidade da Califórnia, são importantes marcos desta nova estratégia. Depois da guerra, este sistema teve um desenvolvimento revolucionário. (Medeiros, 2004, p. 8).

O fim Segunda Guerra Mundial e a mostra belicista agora com o poder de destruição massiva por meio da fissão nuclear desenvolvido nos laboratórios norte-americanos, fez consolidar a hegemonia norte-americana não apenas na esfera econômica e financeira, mas também militar. Como subproduto da Guerra Fria, a corrida também não foi contida.

Este objetivo foi claramente reconhecido pelo Defense Research Board, criado em 1947 por um renovado DOD e estabelecido de forma não ambígua pelo Defense Science Board em 1956, com o objetivo de, (...) buscar periodicamente as necessidades e as oportunidades apresentadas pelas novas descobertas científicas para sistemas de armamentos radicalmente novos. (NSF, 2000: 6, apud. MEDEIROS, 2004, p. 9).

Os anos 1960-70 foram diminuídos, e voltando a intensificar-se no governo Reagan Evolução do Orçamento de Defesa e da Pesquisa em Desenvolvimento Militar (em milhões de dólares de 2002)

Tabela 9. Gastos do orçamento em Defesa Norte-americano

| Anos | Total | Crescimento real (média de 5 anos) | P&D | Crescimento Real (média de 5 anos) |
|------|---------|---------------------------------------|--------|---------------------------------------|
| 1955 | 295,676 | - | 17,076 | - |
| 1960 | 290,346 | -0.32 | 29,221 | 3.4 |
| 1965 | 318,145 | 1,9 | 32,537 | 2.1 |
| 1970 | 371,530 | 3,3 | 31,175 | -0.6 |
| 1975 | 285,385 | -4,6 | 25,726 | -3.8 |
| 1980 | 306,939 | 1,4 | 25,897 | 0 |
| 1985 | 436,206 | 8,5 | 45,840 | 16 |
| 1990 | 394,524 | -2,1 | 45,066 | 0 |

| | | | | |
|------|---------|-----|--------|------|
| 1995 | 301,018 | 4,7 | 38,462 | -3.1 |
| 2000 | 303,879 | 0,1 | 40,181 | 1 |
| 2001 | 309,764 | 0,3 | 41,749 | 0.5 |
| 2002 | 329,151 | 1,3 | 47,429 | 2.9 |

Fonte: DOD, EUA. Values Total Obligational Authority. Termo financeiro que expressa o valor do orçamento apropriado pelo programa de defesa no ano fiscal.

O projeto SAGE (Semiautomatic Ground Environment), foi importante na elaboração e organização das inovações, esse projeto foi criado com a afirmação de que o espaço aéreo norte-americano era vulnerável a ataques inimigos. Segundo (Medeiros, 2004. p. 10) tal projeto levou a Força Aérea norte-americana a ter como resultado, um míssil balístico intercontinental que “Quando o projeto ficou pronto, o míssil intercontinental, uma arma muito mais poderosa, constituía a verdadeira ameaça” (Medeiros, 2004, p. 10).

A abrangência das inovações provenientes dessa espessa rede interligada pode não ser tarefa fácil, mas a sua aplicabilidade e difusão para outros setores da indústria nacional norte-americana é bem patente, “(...) é possível dizer que o “complexo militar-industrial-acadêmico” criou as inovações básicas em todas as novas indústrias baseadas em ciência (aeroespacial, computadores, equipamentos de telecomunicação” (Medeiros, 2004. p. 15). A década de 1970, marca um recuo em relação aos gastos militares, prioritariamente por conta da maior perda militar norte-americana nos países de Terceiro Mundo, que foi a Guerra do Vietnã. “Com efeito, na segunda metade dos anos 60, a Guerra do Vietnã consumia cerca de 37% do orçamento militar, algo como 30 bilhões de dólares anuais.” (Medeiros, 2004. p. 19).

Também somado a isso, os altos déficits fiscais norte-americanos, o advento do mercado de euro moedas, também solapando o poder de estrangulamento que os Estados Unidos impunham aos demais países e as instabilidades germinativas monetárias que culminaram na saída dos norte-americanos do Acordo de *Bretton Woods* – que nesse caso marcava um trade-off em gastos militares visando novas armas ou uma guerra convencional e de alto custo.

A nova estratégia considera que, com a extinção da União Soviética, não existe mais um adversário que rivalize o poder militar dos EUA, mas a emergência de potências regionais (na Ásia), a globalização dos interesses americanos, a difusão de tecnologia militar e a crescente importância de atores não-estatais, abriram novos cenários de guerra. De acordo com esta nova concepção de

guerra¹⁵, a estratégia para uma guerra assimétrica deve basear-se mais na avaliação de como um adversário potencial poderá atacar do que na identificação deste ou do lugar do ataque. (Medeiros, 2004. p. 23).

Segundo a abordagem de Medeiros (2004) por meio de seus estudos, a mudança geoestratégica norte-americana visaria agora a interrupção comunicacional do exército inimigo, como foi na Guerra do Golfo, “nesta concepção de ataque são necessárias inovações radicais em sensores móveis como inteligência de imagens, sinais, computação, criptografia, tradução, comunicação, aviões e plataformas invisíveis, veículos não pilotados, sistemas de localização etc.” (Medeiros, 2004. p. 24). O autor também elucida as inovações, suas aplicabilidades e o uso dos artefatos; tendo a projeção temporal de uso. Algumas delas até devido à temporalidade da escrita do trabalho dele, já podem estar sendo usadas.

Tabela 10. Agência de Projetos Avançados de Pesquisa de Defesa (Encomendas planejadas)

| Descrição do programa | Cronograma |
|--|------------|
| Expansão Cognitiva através de sistemas de simbiose homem-computador em simulações de combate. | 5 anos |
| Sistemas de Computação de Alta produtividade, computação quântica e tecnologias inovadoras | 9 anos |
| Jogos de Guerra e Ambiente Assimétrico, criação de modelos de comportamentos automáticos e adaptativos visando adversários assimétricos, redes neurais programação evolucionária, técnicas híbridas de raciocínio. | 5 anos |
| Próxima Geração, sistemas voltados para melhoras revolucionárias na comunicação militar, tecnologias de sistemas integrados em microeletrônicas e em forma de ondas. | 5 anos |
| Sistema de Comunicação provendo informações visuais de alta qualidade aos combatentes no ar, terra e debaixo da água. Aumento da capacidade de comunicação dos operadores de submarino. | 4.5 anos |
| Interfaces Cérebro-Máquina através da criação de novas tecnologias aumentando a performance humana através de | 5 anos |

| | |
|---|--------|
| códigos de acesso em tempo real integradas com sistemas operacionais periféricos | |
| Sistemas biológicos de insumo-produto, desenho de módulos de DNA que permita o uso de organismos (plantas, micróbios) como sentinelas remotos na detecção de ambientes químicos ou biológicos | 3 anos |
| Conceitos de Interface Bio-Magnéticos, desenvolvimento de programas que permitam integração de magnetismo e biologia e descoberta de mecanismos para a detecção, manipulação e controle e biomoléculas e célula. Sensores magnéticos e descoberta de novos microscópios óticos. | 3 anos |

Source: DARPA, Planned Procurements, December 2001, apud. Serrano, 2004. p. 24.

11 CONCLUSÃO

Dentro das limitações deste trabalho, tentou-se capturar as tendências dos ciclos longos de Kondratieff, coisa que também foi feita à exaustão por vários autores, cada qual dando ênfase às Ondas Longas com sua metodologia analítica.

Para nosso objetivo, tentou-se mostrar como o Ciclo do Primeiro Kondratieff de hegemonia inglesa até seu declínio se deu em fase também financeira daquele país, o que ajuda a perceber essa tendência de ciclos sistêmicos de acumulação e como eles podem alterar as relações econômicas e também geopolíticas. Na ascensão do Segundo Kondratieff, há a perda de dinamismo produtivo inglês o que favoreceu a emergência de novos países ao centro industrialista como a Alemanha, Estados Unidos e Japão. O fim do século XIX foi marcado por tendências expansionistas, na tentativa dos países em se tornarem a potência hegemônica, já que novos agentes emanaram.

Com o intuito de traçar alguns elos entre o poder hegemônico inglês com o norte-americano, algumas questões também podem se colocar: a tentativa inglesa de volta ao padrão ouro em 1925 conflitava com a confiabilidade de seu poder como estabilizador global e também da libra como moeda a referenciar as outras moedas.

A volta em 1925 ao padrão-ouro clássico e depois seu abandono em 1931, coloca um fenecimento da hegemonia inglesa e emanar da hegemonia norte-americana. o porquê os ingleses não conseguiram a retomada hegemônica pós-guerra e por que os Este período do entreguerras além da Grande Depressão – descenso do Terceiro Kondratieff – teve como consequência a eclosão da Segunda Guerra.

A falta de um país estabilizador global, a anarquia do sistema monetário internacional são elementos centrais também nessa fase. A fase de ascensão deste ciclo, se deu na fase do *Acordo de Bretton Woods* e marcou de forma efetivada a hegemonia norte-americana. A quebra do deste sistema monetário na visão de Arrighi, – que estava no descenso do Quarto Kondratieff – marcaria o último momento glorioso norte-americano, pois a hegemonia financeira seria marcar colapsar dentro da morfologia dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação.

Como se tentou mostrar também, a queda desta hegemonia põe em dúvidas tais condicionantes, o dólar continua sendo referência global nas relações comerciais e financeiras, os altos déficits fiscais são em moeda soberana e este também não cresce

além do crescimento real do produto. Mesmo que o mundo esteja mais diversificado como afirma Chomsky fazendo um paralelismo entre o pós-guerra e agora, os EUA detêm cerca de 25%, do produto mundial³¹, e o advento de outro centro na Ásia com a China, ainda pode colocar em dúvidas a queda de hegemonia norte-americana. Há uma imbricação densa entre poder econômico, geopolítico e militar. Os EUA possuem cerca de 800 bases militares ao redor do mundo³², com intervenções na Síria, isolando seu apoio aos curdos e deslocando suas tropas para outros lugares e também intervenções no Iêmen.

Como foi descrito anteriormente que a relação entre hegemonia e imperialismo é muito imbricada e às vezes uma taxonomia não descreve todo o processo. O poder norte-americano continua de forma incontestável na esfera militar, o que de fato desde o fim da Segunda Guerra Mundial criou uma rede complexa que abrange desde universidades, alta burocracia militar e setores industriais vinculados à produção belicista. Esses empreendimentos fizeram o Estados Unidos ultrapassar sua fronteira tecnológica e alterou também até a geoestratégia ocupacional de território inimigo, nas Guerras do Golfo, Afeganistão, Iraque.

Talvez o mais sensato a se afirmar seja em um *declínio relativo* dos Estados Unidos frente a outros países, especialmente a China.

³¹ Chomsky (2017, p. 80).

³² Disponível em: < <https://outraspalavras.net/outrasmidias/chomsky-o-declinio-e-a-arrogancia-dos-eua/?fbclid=IwAR2cRnCQwr8Vt8bM9spxraPqgs1XhR84nzOY7P-OalalCz1GZQ0-Rx0szWI> > acesso em: 03-12-2019.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: Dinheiro, Poder e as Origens de nosso Tempo**. São Paulo: Editora UNESP. 1996.

CHOMSKY, Noam. **O Lucro ou as Pessoas: Neoliberalismo e a Nova Ordem Global**. Tradução, Pedro Jorgensen Jr, 5ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Quem Manda no Mundo?** Tradução Renato Ribeiro Marques. 1. Ed.– São Paulo: Planeta, 2017.

CURY, Vania Maria. **História da industrialização no século XIX**. Editora UFRJ, 2006.

GARCIA, Ana Saggiaro. Hegemonia e imperialismo: caracterizações da ordem mundial capitalista após a Segunda Guerra Mundial. *Contexto Internacional*, v. 32, p. 155-177, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292010000100005#nota03b > acesso em 02/12/2019.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. Esta tradução é publicada em acordo com a Oxford University Press. Título em inglês: *The New Imperialism*. ISBN 0-19-9264432-7. 2003

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

_____. **Era das Revoluções, 1789-1848 -38ª ed – Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.**

HUNT, Emery Kay; SHERMAN, Howard J. **História do pensamento econômico**. Editora Vozes, 1987.

KANAAN, Gabriel Lecznieski. **O "Império do Capital" e o "Novo Imperialismo": As contribuições de Ellen Wood e David Harvey para o estudo do Imperialismo no século XXI**. Florianópolis, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/179617> > acesso em: 02/12/2019.

LEWIS, Michael. **Flash boys: revolta em Wall Street**. Editora Intrinseca, 2014.

MAZART, Numa. **Uma análise econômica crítica da tese da decadência hegemônica dos Estados Unidos de Giovanni Arrighi**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < <http://www.excedente.org/artigos/uma-analise-economica-critica-da-tese-da-decadencia-hegemonica-dos-estados-unidos-de-giovanni-arrighi/> > acesso em 02/12/2019.

MAZZUCHELLI, Frederico. **Os anos de chumbo da economia e política no entreguerras**. 1. Ed. – São Paulo: Editora UNESP- FACAMP, 2009.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. O poder americano**. Petrópolis: Vozes, p. 225-252, 2004.. Disponível em: <

<https://franklinserrano.files.wordpress.com/2017/05/medeiros-2004-o-desenvolvimento-tecnolc3b3gico-americano-no-pc3b3s-guerra.pdf>> acesso em: 03/12/2019.

DA CONCEIÇÃO TAVARES, Maria; FIORI, José Luís (Ed.). **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Editora vozes, 1997.

DE SAES, FLÁVIO AZEVEDO MARQUES; SAES, ALEXANDRE MACCHIONE. **História Econômica Geral**. Saraiva Educação SA, 2017.

DA SILVA, Wesley Nascimento. **Estados unidos (1865-1917): de nação dividida a potência imperial continental**. 2014.. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/estados-unidos-1865-1917-de-nacao-dividida-potencia-imperial-continental>>. Acessado em: 02/12/2019.